



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

TODA LUZ QUE NÃO QUEREMOS VER

Uma reportagem aprofundada sobre o Sol Nascente

Glaucia Machado Saturnino dos Anjos

Orientador: Sérgio Araujo de Sá

BRASÍLIA

2016



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

TODA LUZ QUE NÃO QUEREMOS VER

Uma reportagem aprofundada sobre o Sol Nascente

Glaucia Machado Saturnino dos Anjos

Orientador: Sérgio Araujo de Sá

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BRASÍLIA

2016

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

Memorial descritivo do produto apresentado à Faculdade de Comunicação, da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

TODA LUZ QUE NÃO QUEREMOS VER
Uma reportagem aprofundada sobre o Sol Nascente

Glaucia Machado Saturnino dos Anjos

Banca examinadora:

Prof. orientador Dr. Sérgio Araujo de Sá

Prof. Dra. Dione Oliveira Moura

Prof. Dr. Wladimir Ganzelevitch Gramacho

Brasília, 7 de dezembro de 2016

A todos que abriram as portas das
suas casas e dos seus projetos
e àqueles que dão vida às ruas.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Denise, que desde cedo me ensinou o valor dos estudos e que continua me incentivando, sempre. Também pelo seu amor e carinho incondicionais.

Ao meu irmão Hudson, que sempre participa dos momentos especiais da minha vida.

Ao Idelbrando, pelo apoio fundamental na conclusão desse curso e no dia a dia. Se não fosse você, provavelmente tudo se tornaria mais difícil. Mil vezes obrigada.

À Universidade de Brasília, pela oportunidade de realização do curso de Jornalismo.

Ao meu orientador Sérgio, por todo o apoio e pela revisão atenta. Sem contar as aulas inspiradoras em Campus.

Ao professor Wladimir, que estimula o aprendizado sempre com ânimo e boa vontade. Obrigada por cada ensinamento.

Às minhas amigas Bruna Dias, Bruna Queiroz, Lucyenne, Tábata e Talita, parceiras de todas as horas. E ao Rodrigo, o melhor agregado.

À Maria Moraes Luz, que foi luz na minha vida e ajudou a despertar uma coisa que eu já carregava, a responsabilidade social.

E agradeço, ainda, a todos os moradores do Sol Nascente. Cada porta aberta e sorriso sincero me estimulou a volta. Não à toa, eu já voltei.

Escutar de verdade implica despir-se de todos os seus preconceitos, de suas verdades de pedra, de suas tantas certezas, para se colocar no lugar do outro.

Eliane Brum

RESUMO

O presente projeto é um livro-reportagem sobre o Sol Nascente – um setor na região de Ceilândia, no Distrito Federal, que já foi considerado a maior favela da América Latina, por vezes esquecido pelo governo e pela mídia. Mas geralmente lembrado quando se trata de violência, criminalidade e desocupação. O objetivo é contar fatos que nunca apareceram ou não aparecem com tanta frequência nos grandes jornais, além de tentar promover reflexões de que o Sol Nascente pode sim ser um lugar bom e tranquilo. Para isso, são apresentados seis relatos essencialmente positivos, ou melhor, seis boas notícias. Histórias gostosas de se ler. O projeto tem como justificativa a necessidade de superar essa cobertura limitada e de um olhar mais humano acerca do setor, visto que a maioria dos textos que tratam de lá parecem ter sempre uma conotação negativa – o que também será objeto deste estudo.

Palavras-chave: Sol Nascente. Setor. Lado bom. Humanismo. Boas notícias

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA DE PESQUISA	11
3 JUSTIFICATIVA	13
3.1 Do tema.....	13
3.2 Do formato	13
4 OBJETIVOS	15
5 REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1 Contextualização do Sol Nascente.....	16
5.1.1 Números.....	17
5.2 Análise de notícias	18
5.2.1 Adjetivos.....	20
5.2.2 Fotografias	21
5.3 Notícia e reportagem.....	23
5.3.1 O livro-reportagem	25
5.4 Linguagem: jornalismo literário	26
6 METODOLOGIA	28
6.1 A pauta.....	28
6.2 Pré-apuração	29
6.3 Seleção de boas histórias	30
6.4 Apuração.....	32
6.5 Escrita	33
6.6 Fotografia.....	33
6.7 Diagramação	34
REFERÊNCIAS	37
ANEXOS	40

1 INTRODUÇÃO

O Sol Nascente, em Ceilândia, é um lugar instigante. Provoca curiosidade, medo, insegurança, sonhos e uma série de outros sentimentos, a depender do lugar de fala. Para os moradores, é muitas vezes a realização do sonho da casa própria, da fuga do aluguel. Um pedaço de chão só deles. Para os estranhos – aqueles que não conhecem a realidade do setor – pode ser um tanto temível, afinal, ali, se escuta muito falar sobre criminalidade e violência.

Um pouco disso está na fala de Lívia Pedrosa e Paula Amaral, autoras do documentário *O Sol Nascente de Malvina*, um trabalho de conclusão de curso no Centro Universitário de Brasília. As autoras confessam que, no primeiro momento, a ida à Ceilândia aconteceu com a proteção da Polícia Militar, já que “o local é extremamente perigoso e, de acordo com a PM, não é uma favela pacificada”. Só depois de algum tempo foi que superaram os dias em que chegavam ao Sol Nascente “morrendo de medo” (PEDROSA E AMARAL, 2014, p. 23).

São relatos assim que chamam atenção e, ao mesmo tempo, inquietam. Se depender somente das notícias estampadas nas páginas dos jornais, ou até do boca a boca, o olhar externo acerca do setor corre o risco de ficar limitado. Acaba sendo comum ter a impressão de que a comunidade é apenas ruim, cercada de crimes e de medo. E o pior, que lá não existe quase ninguém honesto ou trabalhador. Nem vida tranquila.

Por isso, surgiu a ideia de falar do Sol Nascente. A vontade era de ir à campo, percorrer os caminhos, descobrir o lugar e entender como as coisas se desenrolam na realidade. Tudo por meio de conversas com moradores que tivessem, direta ou indiretamente, suas vidas ligadas à história do setor. Nessas conversas, mais do que falar, o propósito era ouvir. Escutar o que as pessoas tinham a dizer delas e do lugar onde vivem.

Dessa forma, seria feito um registro da história oral do setor e das vozes dos moradores, num projeto que já caminhava para fugir das práticas da redação diária – com poucas fontes e um relato apressado. Contudo, a ideia foi ganhando contornos nítidos. O projeto se tornou, então, um livro-reportagem sobre o lado bom do Sol Nascente, a fim de levantar reflexões de que esse lugar pode ser bem diferente daquilo que se fala ou se imagina.

Pode ser bem diferente até do que é publicado pela grande mídia. E aí entra uma breve análise de conteúdo, que se baseia em notícias do *Correio Braziliense* – dentro de uma amostra selecionada – e atribui uma conotação a cada uma delas: positiva, negativa ou neutra.

Essa análise busca verificar se os textos que falam do Sol Nascente são quase sempre rasos ou limitados a falar de aspectos negativos, além de, possivelmente, reforçar a importância de trabalhos que falem de coisas boas.

No livro-reportagem, couberam diversas questões positivas. Entre elas, um espaço gostoso de lazer, iniciativas sociais relacionadas à educação ou ao esporte, práticas de rua e gente. Gente que faz de tudo para ter uma comunidade melhor. Pessoas que levantam cedo, arrumam a casa e depois abrem a porta para os vizinhos; jovens que levam experiências culturais e fazem do chão um palco de ideias; e gente só que quer oferecer um pouco de diversão e sossego para quem mora nas redondezas.

Todas essas questões foram relatadas, da forma mais humanizada possível, no decorrer de seis capítulos. Assim como acontece nos jornais, os capítulos são divididos de acordo com editoriais, para que o leitor possa encontrar uma variedade de assuntos em um só espaço, além de ter uma visão geral das coisas boas. As editoriais abrigadas foram lazer, meio ambiente, educação, cultura, comércio e esporte. Cada uma carrega uma história.

Mesmo tratando das boas práticas e das iniciativas bem-sucedidas, o livro não deixou de falar dos problemas. No primeiro capítulo, que convida o leitor a conhecer um rancho chamado “Preguiça”, não se esqueceu do caminho que leva até lá, que lembra uma estrada de rali. Também se abordou a dificuldade para ir de ônibus, pois o transporte público demora a passar e o último ponto fica a uns 600m da entrada. Assim, se pretende contar as histórias sem esquecer por completo do lado ruim, que existe em qualquer outro lugar.

O resultado disso tudo, principalmente da inquietação com o noticiário, é o livro *Toda luz que não queremos ver* (ANJOS, 2016). Um texto que busca trazer um conteúdo diferente e, se possível, estimular um olhar mais generoso acerca do setor.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

A principal inquietação que deu origem a este produto foi o fato de que, nas páginas dos grandes jornais de Brasília, quase não há espaço para a comunidade do Sol Nascente. Nas raras ocasiões em que a favela vira notícia, o conteúdo é quase sempre raso ou limitado a falar de aspectos negativos, como a violência, a falta de infraestrutura urbana ou qualquer outra mazela social.

Uma cobertura diferenciada sobre o Sol Nascente costuma ser oferecida por meios de comunicação alternativos, a exemplo das mídias comunitárias. Aqui, se encaixam o blog *Sol Nascente Hoje*¹, sob responsabilidade do jornalista e líder comunitário Carlos Botani; a rádio web *Sol Nascente Melhor*², dirigida por Mário Lima; e, em menor grau, o *Diário de Ceilândia*³, que tem como jornalista responsável Douglas Protázio. Todos eles trazem muitas matérias que não foram veiculadas nas mídias tradicionais e, por vezes, contam com uma variedade de vozes.

As universidades também já produziram conteúdos diferenciados. Na Faculdade de Comunicação da UnB, a edição 16 da revista *Campus Repórter*, de julho de 2015, publicou um material sobre o “lado b” da desocupação do Condomínio Nova Jerusalém – uma espécie de extensão do Sol Nascente. Para tanto, os autores Lucas Ludgero e Vitor Sales conversaram com aqueles que pouco puderam falar: as pessoas que foram retiradas.

E na Universidade Católica de Brasília, o jornal *Artefato*, ano 13, nº 4⁴, de junho de 2012, tratou do esquecimento dessa comunidade. Os autores Mariana Alvarenga e Augusto Soares conversaram com moradores, comerciantes e autoridades.

Por último, o Programa Jovem de Expressão⁵, que reúne jovens de diversas cidades através da dança e da produção audiovisual, produziu um documentário intitulado *O sol nasceu para todos*, em parceria com a Rede Urbana de Ações Socioculturais. Nele, são retratadas histórias de moradores antigos e de quem ajuda a fazer a diferença na comunidade, seja uma pessoa que pratica coisas boas no seu dia a dia ou alguém que compartilha conhecimento e educação com as crianças pequenas.

¹ Disponível em: <<https://solnascentehoje.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

² Disponível em: <<http://www.solnascentemelhor.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

³ Disponível em: <<http://www.diariodeceilandia.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

⁴ Disponível em: <https://issuu.com/jornalartefato/docs/4artefato_junho_2012_final_impressao1__1_>. Acesso em: 30 set. 2016.

⁵ Disponível em: <<http://www.jovemdeexpressao.com.br/>>. Acesso em: 19 ago. 2016.

Nesse sentido, ficou claro que existem pautas positivas no Sol Nascente. Mais que isso, elas já estão sendo produzidas, embora nem sempre tenham um grande alcance por serem priorizadas apenas pelas mídias alternativas. Assim, há sempre espaço para quem quer conhecer o lugar de perto e produzir outros materiais, que fujam da rotina “cadeira e computador” e que possam sugerir um outro olhar sobre a comunidade, como é a proposta deste projeto.

Surgiram então algumas questões que se procurou responder:

- Onde estão as iniciativas de sucesso do Sol Nascente?
- E os lugares bem-sucedidos? As práticas exitosas?
- Existe lado positivo no lazer, no meio ambiente, na educação, na cultura ou no esporte?
- Quem são as pessoas que já têm projetos fortes e consolidados?
- Quem são os moradores que se beneficiam dessas ações?

3 JUSTIFICATIVA

3.1 Do tema

O interesse pelo tema se deve, em boa parte, à necessidade de superar essa cobertura rasa e limitada sobre o Sol Nascente, bem como contribuir para a construção de um olhar diferenciado, mais humano. Na verdade, a maioria dos moradores de Brasília não conhece o setor. Nunca esteve lá e nem sabe das coisas boas. O único contato que tiveram foi através dos jornais, que, muitas vezes, ajudam a reforçar uma imagem negativa por meio de relatos de violência, por exemplo, crimes e tráfico de drogas.

Desse modo, torna-se imprescindível a produção de conteúdos positivos. Em uma breve pesquisa na ferramenta de busca Google, com a palavra-chave “sol nascente” acompanhada de “lado bom” ou “positivo”, não foi encontrado nada semelhante. Há apenas notícias acerca do documentário *O sol nasceu para todos* – que abrange um pouco disso, reportagens de assuntos bastante específicos ou matérias que nem boas são, referentes à derrubadas, construções fora de controle ou prejuízos das chuvas. Então, o produto se baseia em uma proposta nova, principalmente se considerado o meio acadêmico e o formato de livro.

Outro motivo para a realização do projeto é a possibilidade de exercitar um jornalismo mais humanizado, voltado para o social. Ou seja, falar com as pessoas e realmente ouvi-las. Escutar aquilo que elas mais querem dizer, contudo, têm dificuldades para expressar e nem sempre encontram oportunidade. Além de interpretar o silêncio, saber explorar ambientes e perceber emoções e, acima de tudo, contar histórias de vida.

3.2 Do formato

O produto foi pensado como livro-reportagem devido às possibilidades que esse formato oferece. É possível escrever muito, se utilizar da divisão de capítulos para bem estruturar o material e fazer um registro completo, diferente de tudo o que se tem visto sobre o

Sol Nascente. Já nas reportagens ou grandes reportagens, o conteúdo acaba ficando mais limitado, embora o último contemple um tamanho maior de texto.

A estrutura completa e cheia de possibilidades é justamente o que Eduardo Belo chama atenção em *Livro-reportagem*, quando diz que a “forma, conteúdo e, em especial, dimensão consistem no conjunto de características que diferencia o jornalismo em livro do praticado em outros meios” (2006, p. 41).

Cabe destacar, ainda, que o tema se adequa bem à proposta do livro-reportagem de abordar assuntos aperiódicos, que não têm tanta urgência em serem publicados. São assuntos que podem ser apurados com maior profundidade, muitas vezes por meses, depois escritos, revisados, editados, talvez complementados. Tudo no seu tempo, sem tanta pressa como acontece nas publicações de jornais ou revistas.

O formato favorece, também, uma certa liberdade de escrita, não vista com tanta frequência em outros meios. Geralmente, esse tipo de livro permite que se use uma linguagem literária, com descrição detalhada de personagens, espaços e experiências, a fim de mergulhar o leitor na história. Pode permitir até o uso de certos jeitos de falar ou adjetivos, quando necessário, desde que faça sentido para toda a construção textual. No entanto, é preciso cuidado para não se apropriar de uma realidade na qual o autor não está de fato inserido.

Ademais, o livro-reportagem é o suporte ideal para relatos que venham acompanhados por um bom número de fotos. No caso desse produto, foi uma preocupação desde o início que o texto estivesse ilustrado, afinal, muitas pessoas não conhecem o setor e as histórias tratam de gente. Gente que merece ser vista.

4 OBJETIVOS

O produto tem por objetivo geral contar, em um livro-reportagem, histórias sobre o lado bom do Sol Nascente. Fatos que nunca apareceram na grande mídia e histórias de gente que faz de tudo para transformar a realidade. Querem melhorar a vida dos moradores por meio do lazer, da preservação ambiental, da educação, do comércio de rua, da cultura e do esporte.

Além disso, no que tange aos objetivos específicos, o livro-reportagem pretende tratar do assunto de maneira aprofundada e humanizada, diferente dos meios comerciais. Em geral, os grandes veículos fornecem visões burocráticas acerca de temas sociais, não se preocupando tanto com a relevância das informações. Fazem, muitas vezes, apurações superficiais e beneficiam especialistas no lugar de bons personagens. Assim, a intenção do trabalho é aproveitar do espaço para experimentar.

Essa experimentação abrange, além da possibilidade de uma abordagem mais humana, o exercício de narrar acontecimentos com um pouco de apego a questões esquecidas, como a descrição de pessoas, espaços e trejeitos. Tem-se por objetivo, também, levantar reflexões de que o Sol Nascente pode ser um lugar bom e tranquilo – diferente do que se imagina de um setor que é considerado favela.

O produto busca, ainda, fazer uma breve análise de conteúdo de notícias impressas. A ideia é verificar se os textos que tratam do setor são mesmo quase sempre rasos ou limitados a falar de aspectos negativos. Dessa forma, se as notícias positivas fossem escassas – ou se os textos com conotação negativa prevalecessem em relação aos demais – a importância do livro-reportagem seria reforçada.

Então, o projeto não tenta dizer se esse tipo de ocupação é certo ou errado, boa ou ruim. Apenas apresenta ao leitor o resultado de uma apuração a partir de um outro olhar, a fim de que ele tire suas próprias conclusões. E esforça-se para que o morador da comunidade se identifique verdadeiramente com o texto, se encontrando por meio das linhas.

Por fim, espera-se que o material possa servir de apoio a estudos e, futuramente, que se encontre a melhor maneira de divulgação.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Contextualização do Sol Nascente

Localizado em Ceilândia, entre os Setores “P” Sul, “P” Norte e Quadras QNQ, o Sol Nascente abrange mais de 16 mil metros quadrados. O setor convive com problemas como a falta de saneamento, a violência urbana e a marginalidade social, bem como a grilagem de terras públicas e do medo de remoção. Mas nem sempre foi assim.

No início, a região era formada por várias chácaras, que tiveram o terreno concedido a produtores de frutas e verduras. Contudo, a área foi fracionada de forma irregular a partir da década de 1990 e teve o processo intensificado em 2000. Montezuma (2014) afirma que, além do parcelamento e da venda de terrenos, carroceiros que usavam um curral comunitário para guardar carroças e cavalos “começaram a construir barracos nesse local”.

Mais tarde, em uma tentativa de regularizar a área, o governo criou o Setor Habitacional Sol Nascente. Por meio da Lei Complementar nº 785, de 14 de novembro de 2008, determinou que se considerasse o local de interesse público, bem como fosse implementado um parque ou unidade de conservação. Assim, seria proposto um projeto urbanístico que observasse alguns critérios, a exemplo da ocupação do solo, das restrições físico-ambientais e de outras medidas voltadas ao meio ambiente. No entanto, a ocupação já estava criada.

O lugar ganhou fama depois de ser considerado uma das maiores favelas do país. Conforme estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no Censo 2010 – o último da série, o Sol Nascente possuía 56.483 moradores e seria a segunda maior ocupação do país, perdendo apenas para a Rocinha, que somava 69.161 habitantes. As outras três comunidades mais populosas eram Rio das Pedras, no Rio de Janeiro; Coroadinho, no Maranhão; e Baixadas da Estrada Nova Jurunas, no Pará.

Já em 2013, a Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios (PDAD), elaborada pela Companhia de Planejamento do Distrito Federal (Codeplan), colocou em prática um novo levantamento. Pela primeira vez, os Setores Sol Nascente e Pôr do Sol⁶ foram estudados

⁶ Os dois Setores foram estudados como se constituíssem uma mesma Região Administrativa. Cabe destacar que, assim como o Sol Nascente, o Pôr do Sol começou como uma ocupação desordenada na década de 1990 que se consolidou nos anos 2000.

isoladamente do resto de Ceilândia e, juntos, possuíam o total de 78.912 moradores. O número representou um crescimento em relação a 2010 e, na falta de pesquisas atuais, deu ao Sol Nascente o título de maior favela da América Latina.

A notoriedade veio em grande parte dos jornais, que publicaram notícias como “Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha”, do *Correio Braziliense*, datada de 28 de setembro de 2013; e “Sol Nascente se torna a maior favela da América Latina”, do *Jornal de Brasília*, divulgada no mesmo dia. As matérias tomaram as páginas não só de jornais impressos, mas também portais de portais como o R7, da Record.

Mesmo sem dados recentes, conversas com líderes comunitários, como o prefeito do Trecho 1, Pedro Barros⁷, mostram que, em 2016, a situação pode ser ainda pior do que os estudos revelam. De acordo com esses líderes, o setor é habitado por mais de 110 mil pessoas.

Todas elas moram ao longo de três trechos. Conforme dados do governo, divulgados pela Agência de Fiscalização do Distrito Federal (Agefis) em 2015, duas dessas áreas se encontram em processo de regularização – o Trecho 1 e o Trecho 2. O Trecho 3 não entrou na lista e nunca foi regularizado.

A população não tem infraestrutura e sofre pela falta ou ineficiência de serviços públicos de saúde, saneamento básico, educação, coleta de lixo e segurança. Os moradores também não contam com transporte público de qualidade e, por vezes, precisam andar bastante para chegar aos pontos de ônibus mais próximos.

Deve-se ressaltar que o Sol Nascente não é o único lugar considerado favela no Distrito Federal, porém, chama atenção por estar localizado a 34 quilômetros do centro de Brasília. Conforme o mesmo estudo do IBGE, o Distrito Federal contava, em 2010, com 36 loteamentos. Entre eles, o maior número de domicílios era do próprio Sol Nascente (15.737), seguido da Vila Estrutural (5.823), do Pôr do Sol (2.084) e do Condomínio Porto Rico (1.926).

Além do volume populacional, o que faz com que a região seja considerada uma das maiores favelas do país – ora a maior favela da América Latina – não é a renda, mas a falta de infraestrutura. Um dos principais problemas é o esgoto a céu aberto.

5.1.1 Números

⁷ O prefeito Pedro Barros e a vice-prefeita Marieta Soares, ambos moradores do Trecho 1, foram eleitos para o período de 2015/2019.

Segundo a pesquisa da Codeplan, os Setores Sol Nascente e Pôr do Sol tinham, em 2013, mais de 20.686 mil domicílios. Considerando que a população era estimada em 78.912 habitantes, a média de moradores por domicílio era de 3,81 pessoas. À época, 95,48% das construções eram permanentes e 4,44% estavam em construção.

Cabe destacar, ainda, que 99,47% dos domicílios eram casas e o restante, barracos, cômodos e quitinetes. Uma das primeiras moradoras do Condomínio Gênese e coordenadora do projeto Despertar Sabedoria, Margarida Milech, acabou explicando a situação durante uma entrevista. Ela contou que, no início do setor, havia um cuidado muito grande para que a área “não ficasse parecendo uma favela”⁸. Então, as pessoas eram orientadas a construir casas, mesmo que aos poucos, ao invés de barracos.

Dentre os domicílios, observou-se que 63,29% utilizavam algum tipo de filtro e somente 4,64% consumiam água mineral. A maior frequência era dos filtros de barro (44,40%). Vale observar que 32,07% não possuíam qualquer tipo de filtro, o que é considerado um fato preocupante para a saúde dessa população.

Outro dado interessante da pesquisa é que, nos domicílios dessa região, 55,85% contavam com serviços de coleta de lixo, 30,37% utilizavam outros destinos e 13,58% são jogados em locais impróprios. E apenas entre 3% e 9% dos domicílios dos domicílios tinham acesso a ruas asfaltadas, calçadas e meios-fios.

Nos últimos anos, a situação melhorou. Mas quem anda pelo Sol Nascente continua a encontrar bastante chão batido, poeira e falta de infraestrutura. Um dos assuntos preferidos das notícias.

5.2 Análise de notícias

Na intenção de verificar se as matérias que tratam do Sol Nascente são mesmo quase sempre raras ou limitadas a falar de aspectos negativos, decidimos fazer uma breve análise de notícias. O jornal escolhido foi o *Correio Braziliense*, por se tratar do principal meio de comunicação impresso do Distrito Federal. Conforme a página da empresa⁹ ele detém a maior

⁸ A fala de Margarida durante a entrevista, bem como de outros moradores, mostra que nem toda a comunidade se identifica com o conceito de favela comumente utilizado pela grande mídia.

⁹ Disponível em: <http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=25>. Acesso em: 20 set. 2016.

circulação, com uma média de 57 mil exemplares de segunda a domingo, e é o mais influente do DF e do Entorno – região formada por municípios como Valparaíso.

Já o período escolhido foram os últimos cinco anos, de 2011 a 2015, a fim de termos alguma segurança do padrão seguido pelo jornal. Como isso abrange mais de 1.800 dias, um volume enorme, optamos por utilizar dois critérios de seleção das notícias. Fazer um sorteio aleatório de uma amostra representativa com 600 datas, além de ver as capas das edições sorteadas e conferir se traziam matérias do sobre o Sol Nascente.

Se o nome do setor estivesse entre os assuntos de capa, se abriria o jornal e a notícia teria de ser separada. Caso não estivesse, a edição seria descartada. O sorteio foi realizado no software de planilha Excel e todo o processo aconteceu no Centro de Documentação do Correio Braziliense, conhecido como D.A Press. Ao final, foram encontradas sete capas que têm o setor como um dos assuntos, ou seja, sete matérias. Cabe ressaltar que a escolha de jornal impresso se deve à vontade de dialogar com o produto, um livro impresso.

As notícias objeto da análise são: *Legalizados dois parcelamentos*; de 7 de dezembro de 2011; *Capital da segunda maior favela do país*, de 22 de dezembro de 2011; *O mapa das favelas*, de 9 de janeiro de 2012; *DF a um passo de ter a maior favela latina*, de 8 de maio de 2013; *Romaria por uma graça*; de 9 de maio de 2013; *Comércio em torno da fé*; de 10 de maio de 2013; e *Resistência no Sol Nascente*, de 6 de fevereiro de 2013.

Para a pesquisa, adotamos como método a Análise de Conteúdo (AC). Segundo Bardin (2007), esse é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que abriga não um só instrumento, mas um “leque de apetrechos”. E funciona de acordo com procedimentos “sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. O autor observa ainda que:

O analista é como um arqueólogo. Trabalha com vestígios: os documentos que pode descobrir ou suscitar. Mas os vestígios são a manifestação de estados, de dados e de fenômenos. Há qualquer coisa para descobrir por e graças a eles. Tal como a etnografia necessita da etnologia, para interpretar as suas descrições minuciosas, o analista tira partido do tratamento das mensagens que manipula. (BARDIN, 2007, p.39)

Dessa forma, para saber se as matérias são predominantemente negativas, positivas ou neutras, utilizei do tratamento das mensagens – ou melhor, dos vestígios. Os dois procedimentos adotados foram análise dos adjetivos, visto que é uma categoria de palavras importante e que a adjetivação frequente torna o texto subjetivo e opinativo; e análise de fotos, porque as imagens fazem aparecer valores implícitos.

5.2.1 Adjetivos

Na análise dos adjetivos presentes nos textos do *Correio Braziliense*, dentro do universo estudado, verifiquei que esse tipo de palavra pode ser comum quando o assunto é Sol Nascente. Nas sete notícias, foram encontrados 78 adjetivos, sendo distribuídos da forma como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1

Adjetivos utilizados nas notícias do Correio Braziliense, por data							
Matéria	Legalizados dois parcelamentos	Capital da segunda maior favela do país	O mapa das favelas	DF a um passo de ter a maior favela	Romaria por uma graça	Comércio em torno da fé	Resistência no Sol Nascente
Adjetivos	4	7	23	25	9	6	4

Assim, o primeiro aspecto que observei foi que as duas matérias mais adjetivadas trazem consigo a questão da favela – de modo marcante. Falam do cenário, apresentam dados e se cercam de termos que atribuem uma qualidade ou característica. Na leitura dos textos, acontecia bastante de encontrar adjetivos mais negativos como “carente”, “esburacado”, “desordenado” “pobre”, “irregular” e “populoso”.

As notícias que têm maior incidência de adjetivos diferentes, que fogem a esses, são duas acerca de um suposto milagre, *Romaria por uma graça* e *Comércio em torno da fé*. Elas falam de uma árvore “retorcida”, de uma escadaria “estreita” e de uma “pequena” capela, coisas que não atribuem características tão diretamente ao setor.

Uma das matérias com menos adjetivos, *Legalizados dois parcelamentos*, dá maior destaque ao outro parcelamento – uma região destinada à classe média, chamada setor Alto da Boa Vista. Na verdade, chega a se assemelhar a um release, pois é burocrática e cheia de fontes do governo comentando a legalização. O Sol Nascente só é citado nos dois primeiros parágrafos, enquanto os quatro últimos são destinados ao Alto da Boa Vista. A outra notícia, *Resistência no Sol Nascente*, fala de um acontecimento específico, talvez por isso não carregue tantos termos qualitativos.

Observei ainda que, em alguns casos, as frases traziam um adjetivo seguido do outro. Numa espécie de ênfase de características que, grande parte das vezes, têm conotação ruim. Um exemplo disso está na matéria *O mapa das favelas*, que fala de “conter o surgimento de novos loteamentos *irregulares* e *miseráveis*” e dos “barracos ou casas, dispostas de forma *desordenada* e *densa*” (grifos meus). A leitura disso pode levar a pessoa a imaginar que os

loteamentos são sempre miseráveis e que todas as casas foram construídas de modo desordenado e denso, mas existem exceções.

Situação parecida aparece na notícia *DF a um passo de ter a maior favela latina*. O texto fala que “o lugar, (antes) *tranquilo*, tornou-se palco de crimes de toda ordem” (grifo meu). A leitura desse trecho pode fazer com que a pessoa pense que ali já não existe tranquilidade nenhuma. O que é bem diferente do que o entrevistado Daniel Costa, citado no livro, disse. Segundo o jovem, quem é honesto e trabalhador consegue levar uma vida tranquila.

Diante disso, tentei atribuir um valor negativo, positivo ou neutro para as matérias – pensando no conteúdo que trazem sobre o Sol Nascente. A primeira da tabela 1, que trata da legalização, tende a ser neutra, pois tem poucos adjetivos e é burocrática; e as três seguintes, que carregam no título “favela”, são inclinadas para o valor negativo, porque têm bastante adjetivos como “carente” e “pobre”.

As duas que vêm depois, sobre o suposto milagre, tendem a ser neutras, pois contam com adjetivos que não caracterizam o setor diretamente; e a última, acerca da resistência às desocupações, tende a ser negativa, porque, apesar de pouco adjetivada, o termo “irregular” e uma variação foram usados três vezes para atribuir característica a alguma palavra.

Por fim, ficaram quatro notícias negativas e três neutras. Nenhuma positiva.

5.2.2 Fotografias

Além dos adjetivos, a análise do conteúdo de uma foto também diz muito sobre a matéria e, por vezes, chama mais atenção que o texto. Desse modo, consideramos importante analisar os elementos presentes nas imagens. Todas as sete notícias são ilustradas, em alguns casos com mais de uma foto.

A primeira matéria da tabela 1, sobre a legalização, é acompanhada de uma foto do Alto da Boa Vista. Não diz nada sobre o Sol Nascente, sendo considerada neutra. A próxima, *Capital da segunda maior favela do país*, é estampada pela imagem a seguir:



Foto 1: João de Moraes aponta a segurança como um dos problemas do Sol Nascente

Fonte: Iano Andrade/CB/D.A Press

Na imagem, os braços cruzados do morador João de Moraes não deixam dúvidas de que ele está insatisfeito com a situação. E o chão de terra batida, a sujeira descartada de qualquer maneira e os desníveis reforçam a mensagem de que a situação não está boa. Então, o registro é tido como negativo. As análises de texto e de imagem chegaram ao mesmo resultado, assim como aconteceu na notícia acima.

A terceira matéria, *O mapa das favelas*, tem na foto principal um cenário formado por terra batida, algumas pessoas andando e um cachorro de rua em destaque. A cena também não é agradável, por isso, tende a ser negativa. Mais uma vez, análise de texto e de ilustração levaram ao mesmo valor.

Na quarta notícia, *DF a um passo de ter a maior favela*, estampada pelo registro abaixo, o diálogo entre texto e imagem volta a se repetir:



Foto 2: Vista geral do Sol Nascente

Fonte: Ronaldo de Oliveira/CB/D.A Press

A imagem apresenta um monte de casas próximas umas das outras, todas mal-acabadas e de telhas finas. A natureza, presente em poucas árvores no meio das casas, parece “sufocada” pelas construções. Nesse contexto, a mensagem que a foto transmite é negativa.

As matérias do suposto milagre, *Romaria por uma graça* e *Comércio em torno da fé*, são acompanhados por imagens de fé, como pessoas colhendo líquidos ditos milagrosos e venda de artigos religiosos. As fotos não dizem muito sobre o setor em si, nem representam algo especificamente bom ou ruim. Por isso, tendem a ser neutras.

A última notícia da análise, *Resistência no Sol Nascente*, é ilustrada por uma foto de homens mascarados em cima e ao redor de um caminhão. Alguns deles fazem sinais que imitam armas. Esse registro é um tanto pesado e transmite uma impressão ruim, sendo considerado negativo. Cabe mencionar, ainda, que todas as análises de imagem dialogaram com as análises de texto. Ou seja, novamente foram quatro matérias negativas, três neutras e nenhuma positiva.

5.3 Notícia e reportagem

Independentemente da valoração do conteúdo, notícias como essas são fundamentais para organizar a sociedade. Elas mantêm as pessoas informadas, fazem com que alguns possam programar o seu dia a dia e tornam possível a outros “conhecer” lugares estranhos, que nem imaginavam existir. As notícias seriam os olhos e os ouvidos de quem não pôde ou não quis acompanhar o acontecimento de perto, mas tem interesse em saber do assunto.

Thaís de Mendonça Jorge (2008) traz uma série de conceitos de notícia. Dentre eles, a noção de que “notícia é o novo, a novidade: mas nem só o novo é notícia” e de que “notícia é um acontecimento, mas nem todo acontecimento é notícia. Eventos contínuos geralmente perdem o interesse” (JORGE, 2008, p. 23 e 24).

No primeiro conceito, a autora diz que os acontecimentos frios, aqueles já existem há um tempo, podem virar notícia. É o caso das matérias de curiosidade, por exemplo, que às vezes mostram algo até velho, mas surpreendente. Também é o caso do livro *Toda luz que não queremos ver*. As histórias não são novas. Algumas existem há mais de dez anos, mas, por não terem grande destaque na mídia, foram escolhidas.

O segundo conceito aborda a questão de que nem todo acontecimento interessa como notícia. Um roubo avulso, no mercado da esquina, dificilmente vai aparecer no jornal. Porém, uma onda de roubos no comércio local tem grandes chances.

Lage (2010) traz outra definição interessante. De acordo com o autor, a notícia se define, no jornalismo moderno, como “o relato de uma série de fatos, a partir do aspecto mais

importante ou interessante [...] não se trata exatamente de narrar os acontecimentos, mas de expô-los” (LAGE, 2010, p. 18).

Lage reflete ainda sobre narrativa:

A narrativa é gênero literário de tradição assentada no épico. Sua espinha dorsal é a organização dos eventos em sequências. Em cada uma delas, o primeiro evento antecede o segundo, o segundo o terceiro, e assim por diante. Isso significa que, dentro da sequência, os fatos seriam registrados na mesma ordem em que teriam ocorrido, no tempo (LAGE, 2010, p. 18).

Ao dizer que não se trata exatamente de narrar, e inclusive definir o que é narrativa, o autor deixa claro que o processo da notícia é diferente. Nela, os casos não são contados do começo para o fim, e sim por ordem decrescente de importância ou interesse.

As histórias que não cabem em notícias – geralmente curtas, de uma página – são pensadas para ser reportagem. Esse gênero de texto costuma abrigar um relato maior e mais detalhado, com variedade de vozes e um aprofundamento das questões importantes. Lage distingue a notícia da reportagem. Segundo o autor, para as notícias, as pautas são “apenas indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos e dos quais se espera desdobramento” (LAGE, 2010, p. 55).

Já as reportagens devem ter outro nível de planejamento. Na visão de Lage, os assuntos estão sempre disponíveis e podem ser ou não atualizados por um acontecimento. O estilo de reportagem é menos rígido e varia com o veículo, o público e o assunto (2010, p. 55). Esse foi um dos motivos pelos quais escolhi fazer uma reportagem.

As histórias do produto não seguem ordem decrescente de importância. Pelo contrário, algumas começam com descrições aprofundadas do espaço, o que dificilmente acontece em uma notícia comum. Falam do chão, das cores, das paredes, de tudo um pouco. Há, ainda, aquelas que deixam o melhor para o final. É o que acontece no capítulo 6, no qual o personagem que conseguiu transformar sua vida através do esporte ficou para as últimas linhas.

Outro conjunto de questões diz respeito à linguagem. Lage observa que, em certos casos, é admissível que o repórter conte o que viu na primeira pessoa. “A linguagem também é mais livre: os “novos jornalistas americanos” (Jimmy Breslin, Norman Mailer, Truman Capote, Tom Wolf) propuseram, no pós-Segunda Guerra Mundial, adotar técnicas literárias para abordagem mais humana e reveladora da realidade” (2010, p. 55).

O trecho acima retrata a proposta que adotei no produto, ou seja, buscar uma aproximação com a literatura para que a abordagem fosse humanizada. Ademais, há sete passagens em primeira pessoa que chegam a clarear o processo de apuração.

5.3.1 O livro-reportagem

Essa linguagem próxima da literatura, ou até mesmo mergulhada nela, é muito comum no livro-reportagem. O formato é cheio de possibilidades e torna possível um aprofundamento do tema e uma riqueza de detalhes. São descritos personagens, experiências, sentimentos, trejeitos. Tudo a fim de humanizar o relato e envolver o leitor. O jornalismo em livro também favorece uma certa liberdade de escrita, não vista com tanta frequência nos outros meios.

Eduardo Belo (2006) apresenta um conceito do formato:

[...] é possível dizer que livro-reportagem é um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada e contextualizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica – com a exceção possível do documentário audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. (BELO, 2006, p. 41)

Os elementos que se destacam na abordagem de Belo, no que diz respeito ao produto, são a possibilidade de reunir a maior massa de informação organizada e o fato de ser a mídia mais rica em possibilidades para a experimentação. Desde o começo, um dos interesses do projeto era justamente experimentar. Narrar os acontecimentos com um pouco de apego a questões esquecidas, como os detalhes e as sutilezas. Assim, nada melhor que um formato que reúna tanta informação.

Belo observa ainda que “a cobertura da imprensa, de modo geral – do noticiário local à política, do esporte à economia – tem se tornado cada vez mais burocrática e superficial, obrigando os profissionais interessados na reportagem a procurar caminhos alternativos” (BELO, 2006, p. 14).

Tal observação reforça uma das colocações iniciais do produto, segundo a qual os grandes veículos fornecem visões burocráticas ou rasas acerca de temas sociais, não se

preocupando tanto com a relevância das informações. Então, torna a se mostrar válida a proposta de *Toda luz que não queremos ver* de fazer diferente.

Conjugada a essa perspectiva encontrei, também, a abordagem de Edvaldo Pereira Lima (2004). Para o autor, o livro-reportagem preenche o vazio deixado pelas publicações periódicas. “Trata-se da questão da superficialidade e do extremo oportunismo com que se apresenta o trabalho da imprensa cotidiana. Arelada ao fato em ocorrência, a imprensa luta contra o relógio” (LIMA, 2004, p 32).

Vale ressaltar outra observação de Lima. De acordo com o autor, o livro é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer e não encontra espaço no âmbito de trabalho. Ou é fruto da vontade de realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de “construtor de narrativas da realidade” (2004, p. 33 e 34).

5.4 Linguagem: jornalismo literário

Na escrita do produto, a ideia era meaproximar o tanto quanto fosse possível de todo esse potencial narrativo. Melhor dizendo, me aproximar do jornalismo literário. Descrever detalhes, nuances, facetas. Tudo aquilo que não havia sido falado, mas foi sentido. Além de tentar escutar as pessoas de verdade e fazer descobertas aprofundadas dos lugares, buscando permitir ao leitor que tenha uma experiência semelhante.

O jornalismo literário ou Novo Jornalismo – que aparece nas considerações de Lage sobre reportagem (2010) – nasceu na década de 60, nos Estados Unidos. Resumidamente, é um estilo de escrever reportagens com o uso de técnicas literárias. E representa uma ruptura com a técnica da pirâmide invertida¹⁰ e do lead, em que as perguntas tidas como principais, “o quê”, “quem”, “quando”, “por quê”, “onde” e “como” são respondidas logo no primeiro parágrafo.

Pesquisador do assunto, Felipe Pena (2006) salienta que não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem:

O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as barreiras burocráticas do lead,

¹⁰ É uma técnica que traz como princípio a apresentação direta do conteúdo nos dois primeiros parágrafos. Ou seja, expor as principais informações sobre o tema para que o leitor saiba logo de início o que vai encontrar ao longo do texto.

evitar os definidores primários¹¹ e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais que embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13).

O autor ainda se dedica a destrinchar cada um desses temas, no que chama de estrela de sete pontas. A primeira se trata de não ignorar os aprendizados do jornalismo diário, nem jogar fora as técnicas aprendidas. O ideal é desenvolvê-las de maneira a acabar constituindo novas estratégias profissionais.

A segunda ponta sugerida por Pena (2006) recomenda ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano, romper a periodicidade e atualidade. Depois, vem contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, lembrando que nunca passará de uma interpretação – um olhar. Já a quarta ponta diz que é preciso exercitar a cidadania, pensando em como a abordagem pode contribuir para a formação do cidadão. Nesse aspecto, hei de destacar a intenção do produto em oferecer um novo olhar, diferente do apresentado pela mídia.

A quinta característica do jornalismo literário rompe com as correntes do lead e aplica técnicas literárias de construção narrativa, enquanto a próxima trata de evitar os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público. Por fim, a última trata da perenidade e diz que uma obra baseada no jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Todas as pontas da estrela foram lembradas no decorrer do processo de construção do projeto.

¹¹ Aqueles entrevistados que sempre falam para os jornais, como autoridades e especialistas famosos.

6 METODOLOGIA

6.1 A pauta

O Sol Nascente não me era um completo estranho. A primeira vez que ouvi falar do setor – no sentido de “escutar de verdade” – foi em meados de 2013, quando assistia a uma aula em outra instituição de ensino. A professora Maria Moraes, formada em Serviço Social e Jornalismo e membro do corpo docente da Universidade Paulista (Unip), dedicou alguns minutos para contar um pouco sobre o lugar. Segundo ela, uma comunidade carente que precisava aparecer, ter a sua voz ouvida em meio a tanto esquecimento.

Mais tarde, próximo ao final do ano, o Sol Nascente ganhou as páginas dos jornais locais. Acabara de sair a PDAD e a região havia sido considerada a maior favela da América Latina. Um assunto amplamente divulgado pela mídia, que estampou o *Correio Braziliense*, o *Jornal de Brasília* e alguns portais. Mesmo depois, apareceu em títulos de matérias como se recente fosse, a exemplo do portal G1, que, em 21 de setembro de 2015, disponibilizou a notícia *Sol Nascente, no DF, tem a maior favela da América Latina, diz IBGE*¹².

A leitura daquelas matérias não me satisfez. Precisava saber mais sobre o lugar, o modo de vida e quem eram as pessoas que moravam ali. Precisava ver de perto uma realidade que me foi apresentada em poucas linhas e por meio de uma leitura aparentemente rasa, presa à questão da favela. Foi aí que surgiu o primeiro contato, já em 2014, durante a disciplina de rádio. Me dispus a fazer uma reportagem indo a campo e mapeando as dificuldades da população.

E quantas dificuldades. Era falta de serviços de saúde, de um transporte público de qualidade, de escolas próximas ou com vagas, de lazer, de cultura. Faltava de tudo. Então, fiz a reportagem com foco em três aspectos que pareciam mais gritantes, nos problemas de saúde, de transporte e de educação. Tudo com a voz do morador. Ainda assim, queria mergulhar no Sol Nascente. Falar do que não tive oportunidade.

Em pré-projeto, no início de 2014, havia chegado a hora. Poderia escrever um livro-reportagem que abrigasse a história dos moradores, principal voz a ser ouvida, além de entrelaçar os relatos com a própria história do lugar. Teria a possibilidade, ainda, de fazer um

¹² Cabe observar que, à época do título de maior favela, foi utilizado o levantamento do Censo 2010 e da PDAD 2013, sob a justificativa de faltarem estudos novos.

registro diferente. Falar disso de maneira profunda e humanizada, que foge ao padrão das redações. E o melhor, em meio acadêmico, onde os trabalhos também são escassos.

6.2 Pré-apuração

Definida a pauta, era hora de ir a campo. Fui até lá e dei umas voltas de reconhecimento, com atenção a todos os detalhes que pudessem ser úteis. Observei o chão, os caminhos, a organização em três trechos, os comércios, pontos de ônibus, tudo que futuramente pudesse ser útil. O transporte parecia não ter melhorado em nada, o setor é grande e há muito o que percorrer. Mesmo de carro é difícil, pois há buracos e, na época de chuva, a situação piora.

Um pouco ambientada, comecei a definir estratégias de aproximação. Pensei em três maneiras principais: entrar em contato com líderes comunitários, que poderiam conversar comigo e me acompanhar em alguns lugares; falar com pessoas na rua, de forma aleatória, até descobrir bons personagens; e, bastante ligada à última opção, fazer mais passeios de reconhecimento, tentando não só observar, mas entender a importância de certos espaços para os moradores.

Tive uma longa conversa com o então prefeito comunitário do Trecho 1, Pedro Barros, que me fez perceber aquilo a que haviam me alertado. Embora informativas, é preciso ter cuidado com as lideranças comunitárias, pois, muitas vezes, há diversas questões políticas por trás dos discursos. De qualquer forma, o contato foi válido, deu para colher boas informações. Também consegui ouvi os primeiros moradores.

Já no início de 2016, começaria de vez o trabalho. Em um encontro de orientação, decidimos recortar melhor o objeto. Virou uma grande reportagem, ou livro-reportagem – dependendo do tamanho que o texto tomasse – sobre o lado bom do Sol Nascente. Se as histórias de moradores do Sol Nascente já eram raras, as histórias positivas deviam ser ainda mais escassas. Além disso, o produto deveria ser estruturado de acordo com editorias, da mesma forma que acontece no jornal.

Logo voltei a campo e, em pouco tempo, conheci o Rancho Preguiça. Na verdade, já o havia visto antes, mas, bem no início da manhã e escondido no final de uma estrada pouco atrativa, passou um tanto despercebido. Foi necessária outra volta para ver que ali tinha um

espaço de lazer interessante. E cinco idas para ter a certeza de que se tratava de um lugar importante para o setor, bem como uma opção para moradores de regiões próximas.

Depois decidi adiar o projeto. Existiam bastante compromissos que, somados a questões pessoais, tornaram inviável a realização do produto. Tive de retomar no período de férias do meio do ano, quando fui ao Rancho Preguiça ver se as informações de que dispunha estavam valendo, consegui assistir ao documentário *O sol nasceu para todos* – uma referência em certos aspectos – e voltei a andar pelo setor e conversar com alguns moradores.

As andanças e conversas foram essenciais para mapear onde estavam as coisas boas, do que se tratavam e qual a importância que tinham para a população. De resto, coube a mim fazer o primeiro contato, tentar ter certeza de que aquela era sim uma boa história e que valia a pena entrar para o trabalho.

6.3 Seleção de boas histórias

Não parece, mas escolher boas histórias é uma tarefa difícil. Envolve, antes de tudo, uma questão de justiça, sempre acompanhada das perguntas: essa história merece mesmo entrar aqui? Qual o diferencial dela para outra, que trata do mesmo assunto? É uma coisa consolidada? Tem mesmo impacto sobre a vida das pessoas? As respostas para essas e outras perguntas que foram surgindo conseguiram orientar as escolhas.

Preocupe-me, ainda, com o tempo de vida da iniciativa. Não adiantava ter uma proposta maravilhosa há um ou dois meses. Nem ter boas ações bastante espaçadas. Era preciso se assegurar de que os espaços, projetos e rotinas tivessem um tempo razoável de permanência. Se possível, mais que um ano. Afinal, essa seria a provável garantia de que o produto está dialogando com algo acertado e pertinente.

O primeiro roteiro que alcancei foi:

- Esporte – Real Show, um time que nasceu e treina no Sol Nascente, onde não tem campo sintético; tinha um projeto de jiu-jitsu com crianças.
- Meio ambiente – Economia Solidária, iniciativa que abraça artesanato e mulheres. Casa da Natureza, projeto de conscientização ambiental com crianças.
- Lazer – Rancho Preguiça, uma possibilidade de diversão dentro do setor.

- Cultura – Batalha da Ideia, duelo de rap que pode promover a reflexão da plateia e o crescimento pessoal.
- Educação – Casa da Marieta e Despertar Sabedoria, dois projetos de educação e reforço escolar com crianças.

Em seguida, cheguei à conclusão de que, mesmo dividindo em editoriais, poderia abordar uma só história de maneira aprofundada. Então, utilizando-me de alguns critérios, foram excluídas as Casas da Marieta e da Natureza. A primeira porque é um projeto até conhecido, já saiu em jornais e um dos interesses era buscar assuntos novos ou menos conhecidos. A segunda porque é uma iniciativa relativamente nova, de maio de 2015, que apenas começara a se consolidar.

Também foi retirado o time Real Show, pois o diretor do clube aceitou o primeiro contato, conversou e ouviu a proposta. Dias depois, não respondia a nenhuma tentativa de contato. Ademais, ao que parece, o Real Show já não abre inscrições há um tempo e está com o projeto de jiu-jitsu parado, o que enfraquece a pauta.

Foi quando conheci o rapper Metralha, da Batalha da Ideia, que falou do Sol Nascente Futebol Clube. A iniciativa criada por ele tem mais de 200 atletas. Devido ao número elevado de inscritos, nem todos conseguem participar de tudo quanto é treino e campeonato, mas a maioria encontrou no campo uma forma de ocupar a mente e de alimentar os sonhos. A partir daí me propus a conhecer o projeto, conversei com alguns jogadores e vi que se encaixaria bem ao trabalho.

A última pauta que surgiu foi a dos bazares. Desde as primeiras idas ao Sol Nascente, percebi que essa é uma prática comum no setor. Aos fins de semana, toma conta das ruas, das casas, de cada canto livre. E toma conta das boas iniciativas. Tanto a Economia Solidária quanto o Despertar Sabedoria fazem bazares para arrecadar recursos. Aos poucos, percebi que a prática ajuda aos vendedores, aos compradores – que economizam um monte – e faz parte dos costumes dali. Por isso, decidi incluir um capítulo sobre lojas de rua.

Desse modo, o novo roteiro excluiu pautas e abrigou outras, ficando assim:

- Lazer – Rancho Preguiça
- Meio ambiente – Economia Solidária
- Educação – Despertar Sabedoria
- Comércio – Bazares de rua
- Cultura – Batalha do rap

- Futebol – Sol Nascente Futebol Clube

6.4 Apuração

Com as histórias finalmente definidas, dei continuidade à apuração, que havia sido iniciada, por exemplo, no caso do Rancho Preguiça. E até mesmo em alguns projetos, pois a aproximação já estava feita e as entrevistas foram iniciadas. Mas era hora de mergulhar nas histórias, conhecer as nuances, acompanhar as atividades e observar tudo. Era hora também de identificar as boas personagens.

Confesso que a apuração foi um momento complicado, que veio a começar um tanto cedo – parte em março e a continuação a partir de julho – e terminar tarde, no final de novembro. Porém, confesso ainda que estava apurando desde as primeiras idas ao Sol Nascente, pois observava atenta as coisas que me apareciam, as pessoas com as quais conversava e os espaços por onde andava. Nenhuma visita era em vão ou simplória.

A primeira apuração aconteceu mesmo no Rancho Preguiça. Fui até lá cinco vezes e, na primeira, tive uma conversa demorada com o dono, José Goudim. Em todas as vezes, Goudim me deixou livre. Não acompanhava meus passos e nem controlava com quem eu falava. Isso foi bom para o trabalho fluir.

Na Economia Solidária, a apuração tranquila se repetiu. Desde o início, Marcílio Sales, responsável pelo projeto, me recebeu bem. E as mulheres estavam livres para falar o que quisessem numa conversa particular. Lá, quatro encontros foram o suficiente.

No Despertar Sabedoria também aconteceram quatro encontros mais uma tentativa frustrada, pois a coordenadora da iniciativa, Margarida Milech, teve de sair e não conseguiu avisar. Novamente, a apuração foi tranquila.

Já nos bazares, foram necessários somente dois dias percorrendo a rua. Em geral, as motivações tanto para a venda quanto para a compra são semelhantes, então selecionei as melhores histórias. Aquelas que tinham um diferencial no motivo, uma história de luta ou um bazar melhor, mais completo. Posso dizer que o resto da apuração foi feito antes, nas andanças pelo Sol Nascente.

Por fim, o que atrapalhou e estendeu a apuração foram, em parte, os projetos do rapper, porque não era sempre que conseguia falar com ele e vivíamos a nos desencontrar.

Também ficaram faltando algumas informações para escrever e para revisar, o que me fez “perder” um tempo voltando ao setor nos últimos dias.

6.5 Escrita

Assim como a apuração, a escrita foi um processo complicado, que começou relativamente cedo e terminou tarde. O primeiro capítulo, do Rancho Preguiça, logo ficou pronto. Mas os outros exigiram dedicação. Eram entrevistas grandes que tomavam tempo para escutar as gravações.

Uma das preocupações era falar do lado bom sem esquecer das coisas ruins. Dessa forma, a falta de infraestrutura foi comumente citada. Aparece no capítulo 1, quando falo do caminho até o rancho, que lembra uma estrada de rali. No capítulo 3, quando descrevo um pouco do chão batido. E no capítulo 5, no qual falo da mudança de espaço da Batalha da Ideia, em parte devido à falta de um transporte público de qualidade.

Outra escolha feita no início foi incluir poucas aspas. De fato, elas são fundamentais para validar o texto, mas considerei que a junção das fotos e de algumas citações parafraseadas fosse capaz de cumprir esse papel. Além disso, a referência que tive como um ótimo livro-reportagem foi *Hiroshima*, de John Hersey (2002). É uma obra sem aspas.

Da FAC, a referência que tive foi *Estamos aqui*, de Jéssica Paula (2014). Jéssica se utilizou de poucas aspas, sem deixar de contar uma história rica. Diante disso, considero que os livros com poucas ou nenhuma aspas são gostosos de ler e não perdem a validade.

Por fim, também serviu de inspiração o livro *O olho da rua*, de Eliane Brum (2008). Um clássico de como fazer uma reportagem humanizada e atenta aos detalhes, àquilo que não está tão óbvio.

6.6 Fotografia

Como a fotografia foi tida como algo importante para compor a narrativa e validar o relato, percebi que elas seriam obrigatórias. Mas havia um problema, não tinha câmera e nem

tanta experiência para fotos que precisavam ficar boas. Então, consegui uma Nikon D3100 e resolvi me arriscar. Os registros ficaram melhor do que o esperado e entraram para o livro.

Nos poucos casos em que as fotos não alcançaram um resultado satisfatório, acabei recorrendo às fotos de arquivo. O mesmo aconteceu quando não estava presente no momento ou na época ou quando não levei a câmera por um motivo qualquer.

Ainda assim, a maioria das fotos foram tiradas por essa Nikon e ficaram boas, ajudando a compor a história conforme esperado.

6.7 Diagramação

Fotos tiradas e texto escrito, era hora de diagramar – e ver se rendia mesmo um livro. Como não entendo muito disso, achei que a melhor escolha fosse contratar o serviço. Recebi a indicação de uma amiga jornalista, chamada Lucyenne Landin, e conversei com o diagramador Vinícius Zanus, transmitindo toda a explicação possível sobre o produto e disponibilizando o material que estava pronto.

Depois, passei as orientações básicas daquilo que eu queria. Um material mais clean, que não fosse pesado de olhar; letras maiores, para que até mesmo a Vó Isaurinha – uma entrevistada da Economia Solidária com problema de vista – pudesse ler se tivesse vontade; fotos com uma página só para elas, acompanhadas de legendas simples e diretas, as quais eu enviaria; e um formato nas medidas 16cm x 21cm, que poderia reduzir os custos da impressão.

No primeiro teste, a capa, as dedicatórias, o sumário e o capítulo 1 deram 20 e poucas páginas. Foi a confirmação de que daria para fazer um livro-reportagem. Em seguida, o diagramador fez uma tentativa de capa que não acompanhou a proposta do livro, embora eu tenha explicado tudo. Conversei com um amigo que resolveu o problema, apostando em uma capa com cores quentes – que geram uma aproximação – e em um mapa do setor, acompanhado por um sol repleto de luz. A ideia foi enviada para o diagramador contratado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem dúvidas, *Toda luz que não queremos ver* foi um caminho sem volta, por diversos motivos. O primeiro é que, com o fim do trabalho, considerei essa pauta um acerto. O Sol Nascente é mesmo um lugar que precisa de atenção, que precisa ser visto de forma mais humana e generosa. Não dá para julgar o todo por alguns acontecimentos ruins, nem para tirar conclusões precipitadas de algo que não se conhece. É preciso dar uma chance.

E é justamente isso o que o livro oferece. Uma chance de ter um pouco de contato com o setor e de conhecer o lado bom dessa comunidade. Ser apresentado ao Rancho Preguiça, um espaço gostoso de lazer e diversão; à Margarida, que abre as portas de casa para que as crianças possam ter atividades de reforço; e ao Marcílio, um senhor que ajuda mulheres a crescerem por meio do artesanato. Além de tantos outros personagens que, direta ou indiretamente, ajudam o Sol Nascente a ser um lugar melhor.

Essas pessoas não costumam aparecer no noticiário. O que ganha espaço na mídia são aspectos negativos, como falta de infraestrutura e criminalidade, enquanto as coisas boas são sempre ou quase sempre deixadas de lado. Um exemplo claro disso é a breve análise de conteúdo que foi feita neste projeto, tendo por base o jornal *Correio Braziliense*. Do período que contempla os últimos cinco anos, cheguei a uma amostra representativa com sete notícias. Dessas, quatro têm entonação negativa, três tendem a ser neutras e nenhuma é positiva. Não há nada de bom nessa amostra.

O número pode assustar, mas serve como fator de validação para o produto e estímulo para que sejam feitos mais trabalhos assim, que falem das boas notícias. Aqui, cabe ressaltar que esse tipo de material não busca apenas fugir do que vem sendo produzido, mas tentar proporcionar um outro olhar acerca do Sol Nascente e elevar a autoestima dos moradores.

Assim que o projeto ficou pronto, uma das donas de bazar – a Ivonaide da Conceição, esposa do Reginaldo Araújo, que aparece no capítulo 4 – revelou que tinha muito preconceito contra o setor, pois só ouvia falar de coisas ruins. Porém, ali foi o único lugar em que conseguiu comprar um lote, então teve de se mudar. Já na nova casa, falava mal da região para todo mundo, os amigos, a família, não perdia uma oportunidade. Só depois que começou a dar valor.

Além disso, outro motivo que fez do livro um caminho sem volta foi a própria apuração. Conheci pessoas inspiradoras, vivi experiências diferentes e andei. Andei um monte. Consegui perceber quais comércios eram importantes, qual a relevância das ruas nessa

comunidade e até utilizei transporte irregular – bastante comum na rotina dos moradores, já que o transporte público não tem hora certa e nem passa com tanta frequência.

Então, fiz tudo aquilo que me motivou a escolher o curso. Fui à campo, conversei com as pessoas e escutei vozes esquecidas. Algumas vozes que estavam ávidas por um espaço de fala, como o Marcílio, que só não divulga o projeto da Economia Solidária – Mulheres do Sol Nascente porque ninguém se interessa. E acredito que tenha respondido às perguntas da proposta de pesquisa, sobre quais eram, por exemplo, as coisas boas, as iniciativas consolidadas e quem se beneficia dessas ações.

É importante, também, dizer que a produção do livro me proporcionou um crescimento pessoal. Acredito que toda vez que se escolhe sair da zona do conforto, dos assuntos práticos e daquilo que se está acostumado, é possível crescer. Essa foi um pouco a intenção do produto. Deixar as facilidades de lado e me arriscar. Fazer o novo.

Tão novo que nunca havia escrito nenhuma reportagem com estilo mais literário. Por isso, confesso que não foi fácil. É preciso ter material suficiente e criatividade, além de fazer leituras para se ter referências daquilo que foi bem feito. Até porque o texto não vem quando se espera, mas nos momentos em que a inspiração surge. Daí pronto, nascem várias páginas.

Por fim, reconheço que a análise de conteúdo foi um esforço inicial. Ela pode ser aprofundada com outro veículo, a exemplo do *Jornal de Brasília*, o que enriqueceria a pesquisa. Essa era a ideia inicial da pesquisa, porém, devido a limitações de tempo e até as dificuldades do Centro de Documentação do jornal – que está desorganizado e quase não dispõe de funcionários – decidi reduzir o estudo.

É necessário reconhecer, também, que ainda há muito o que falar do Sol Nascente. Existem diversas iniciativas que não foram incluídas e que valem a pauta. Basta ter um olhar mais generoso.

REFERÊNCIAS

Livros

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRUM, Eliane. **O olho da rua**. São Paulo: Globo Editora, 2008.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do Foca: Guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo: Contexto, 2008.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2006. 78 p., il. p&b.

(Princípios). Disponível em:

<<http://iesb.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788508103591>>. Acesso em: 1 dez. 2016.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. São Paulo: Manole, 2009. 490 p. Disponível em:

<<http://iesb.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788520428795>>. Acesso em: 1 dez. 2016.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006. 142

Documentário

O SOL nasceu para todos. Direção de Alan Mano K. Produção de Davidson Pereira. Realização de Rede Urbana de Ações Socioculturais. Brasília: Jovem de Expressão e TV de Expressão, 2016. Son., color.

Internet

ASCOM. **Agefis divulga mapas de áreas em regularização**. 2015. Disponível em:

<<http://www.sedhab.df.gov.br/sala-de-imprensa/noticias/item/3412-agemis-divulga-mapas-de-areas-em-regularizacao.html>>. Acesso em: 22 set. 2016.

BOTANI, Carlos. **Blog Sol Nascente Hoje**. Disponível em:

<<https://solnascentehoje.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

CORREIO BRAZILIENSE (Distrito Federal). **Correio Braziliense**. Disponível em:

<http://www.diariosassociados.com.br/home/veiculos.php?co_veiculo=25>. Acesso em: 20 set. 2016.

ESTATÍSTICA, Instituto Brasileiro de Geografia e. **Agglomerados subnormais: Primeiros resultados**. 2010. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm>. Acesso em: 06 set. 2016.

FEDERAL, Companhia de Planejamento do Distrito. **Pesquisa Distrital por Amostra de Domicílios**. 2013. Disponível em:

<<http://www.codeplan.df.gov.br/component/content/article/261-pesquisas-socioeconomicas/294-pdad-2013.html>>. Acesso em: 16 set. 2016.

FURQUIM, Gabriella. **Maior favela da América Latina: Sol Nascente toma posto da Rocinha**. 2013. Disponível em:

<http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf,390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml>. Acesso em: 08 set. 2016.

LIMA, Mário. **Rádio Web Sol Nascente Melhor**. Disponível em:

<<http://www.solnascentemelhor.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

PROTÁZIO, Douglas. **Diário de Ceilândia**. Disponível em:

<<http://www.diariodeceilandia.com.br/>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

REDAÇÃO. **Sol Nascente se torna a maior favela da América Latina**. 2013. Disponível em: <<http://www.jornaldebrasil.com.br/cidades/sol-nascente-se-torna-a-maior-favela-da-america-latina/>>. Acesso em: 08 set. 2016.

Legislação

BRASIL. Lei Complementar nº 785, de 14 de novembro de 2008. **Lex**. Disponível em:

<http://www.tc.df.gov.br/SINJ/BaixarArquivoNorma.aspx?id_norma=59079>. Acesso em: 14 set. 2016.

Reportagens

ALVARENGA, Mariana; SOARES, Augusto. Favela encara falta de atenção das autoridades: Condomínio Sol Nascente, segunda maior comunidade do tipo no país, enfrenta violência e infraestrutura precária. **Artefato**. Brasília, p. 3. jun. 2012. Disponível em:

<https://issuu.com/jornalartefato/docs/4artefato_junho_2012_final_impresao1__1_>. Acesso em: 30 set. 2016.

LUDGERO, Lucas; SALES, Vitor. Entre os escombros, o fim de um sonho. **Campus Repórter**. Brasília, p. 6-15. jul. 2015.

TCCs

MONTEZUMA, Késsia de Araújo Rufino. **Educação popular e economia**

solidária: vivência na comunidade do Sol Nascente. 2014. 66 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em:

<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8323/1/2014_KessiadeAraujoRufinoMontezuma.pdf>. Acesso em: 27 set. 2016.

PEDROSA, Livia Fernanda Faria; AMARAL, Paula Renata Câmara do. **O Sol Nascente de Malvina: Documentário em vídeo sobre o Setor Habitacional Sol Nascente**. 2014. 48 f. TCC

(Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.
Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/5401/1/20525877.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2016.

PREGO, Jéssica Paula. **Estamos aqui:** histórias das vítimas de conflito no leste africano. 2014. 42 f. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

ANEXOS

COMUNICADO BRASILENSE - Brasília, quarta-feira, 7 de dezembro de 2011 - Cidades - 25

Confere com o original 15/03/16 CEDOC-Correio Braziliense

CONDÔMINIOS / Conselho de Planejamento Urbano e Territorial aprova projetos urbanísticos da etapa 2 do Sol Nascente, em Ceilândia, e do Setor Alto da Boa Vista, em Sobradinho, que tem mais de 2 mil lotes para serem vendidos

Legalização dos dois parcelamentos

HELENA MADER

O Setor Alto da Boa Vista, em Sobradinho, é um bairro com 2,6 mil terrenos, mas apenas 150 lotes estão ocupados. O Conselho de Planejamento Urbano e Territorial (Conplan) aprovou ontem o projeto urbanístico da área, que deverá ser registrada em cartório no início de 2012. Com isso, uma nova região destinada à classe média sairá do papel e os imóveis regulares poderão ser vendidos. A área é particular e já tem licença ambiental. Além do Alto da Boa Vista, os conselheiros também deram aval ao registro da etapa 2 do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia, que tem quase 30 mil habitantes.

A aprovação pelo Conplan era a última etapa antes da regularização definitiva dos dois parcelamentos. Até o fim do mês, o governador Agnelo Queiroz vai assinar os decretos de legalização do Sol Nascente e do Alto da Boa Vista. Depois disso, será possível pedir aos órgãos de registro de imóveis a liberação das escrituras. No caso do Sol Nascente, que está em terras do GDF, a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) ficará responsável pela apresentação dos documentos ao cartório.

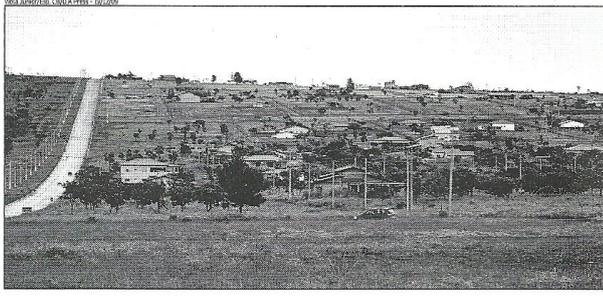
As terras do Condomínio Alto da Boa Vista pertencem à empresa Marunze Empreendimentos Imobiliários, com sede em São Paulo. Depois da regularização, o proprietário dos lotes poderá repassar a escritura individual para quem pagar pelos terrenos e, posteriormente, poderá comercializar os terrenos vazios que ainda não foram vendidos.

O processo de legalização do Alto da Boa Vista se iniciou desde 1992, quando os donos da terra apresentaram ao governo o pedido de regularização da área. Os terrenos foram alvo de grilagem e

muitos foram vendidos sem a aprovação prévia do governo. O síndico do Alto da Boa Vista, Raulo Cavalcanti, conta que os moradores estão otimistas com a regularização, já que a escritura vai trazer várias facilidades, como a liberação de empréstimos para obras. "A expectativa é que muita gente que já comprou comece a construir e que as obras de infraestrutura avancem rapidamente", afirma Raulo. Um orçamento realizado em 2009 estimou em R\$ 104 milhões o custo para a construção das benfeitorias do parcelamento, como redes de água e de drenagem. Os investimentos terão que ser feitos pelos empreendedores e pela comunidade, mas eles esperam reduzir em pelo menos 50% esse orçamento.

A presidente da União dos Condomínios Horizontais do DF, Jânina Bittencourt, também é integrante do Conselho de Planejamento Urbano e Territorial e foi a relatora dos processos de regularização analisados ontem pelo Conplan. Ela conta que a aprovação do Alto da Boa Vista é um exemplo das idas e vindas dos processos de legalização de parcelamentos no DF. "Foi necessário refazer o processo e representar os documentos várias vezes. O importante é que, a partir de agora, independentemente de mudanças de governo, a regularização não pare mais", explica Jânina.

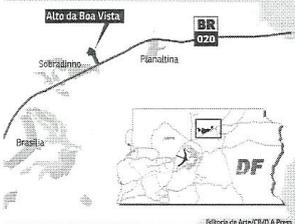
Para que o condomínio fosse aprovado, foi preciso fazer uma série de modificações no projeto urbanístico do Alto da Boa Vista. Em 1993, a previsão era que o parcelamento tivesse cerca de 15 mil lotes. Mas por conta das exigências ambientais, o projeto excluiu a maioria dos terrenos e somente 2,6 mil foram aprovados. A região fica ao lado de duas áreas de proteção de mananciais e de pontos de captação de água para abastecimento.



Alto da Boa Vista: área particular, com previsão inicial de 15 mil lotes. Mas apenas 2,6 mil foram liberados e, hoje, somente 150 estão ocupados

Onde fica

O Condomínio Alto da Boa Vista está situado em uma área valorizada, às margens da BR-020, entre as regiões Planaltina e Sobradinho. O parcelamento tem 2,6 mil lotes, mas apenas 150 estão ocupados. Confira onde se localiza o registro:



Memória

Área visada por grileiros

O diretor da Marunze Empreendimentos, Fábio Fonseca, afirma que o projeto urbanístico do Alto da Boa Vista não tem o privilégio de manutenção de extensas áreas verdes, a construção de ciclovias e a implantação de ideias sustentáveis ambientalmente. Ele conta que a venda dos lotes vazios vai depender de decisões judiciais, já que houve muitas tentativas de fraude e falsificação de documentos. Assim, há litígios na Justiça com relação a alguns terrenos. "Estamos permanentemente lutando contra essas práticas de grilagem e de fraude. Vamos ter que esperar uma

decisão da Justiça para saber exatamente quantos lotes poderão ser vendidos", esclarece o empresário. O secretário de Regularização, Desenvolvimento Urbano e Habitação, Gerardo Magalhães, explica que a aprovação no Conplan será publicada rapidamente, para evitar atrasos. "No caso dos últimos processos aprovados, como o do Lago Azul e do Condomínio Lago Sul, o decreto só saiu mais de dois meses depois da análise do Conplan. Desta vez, queremos fazer o decreto até o fim do mês", garante Magalhães.

Ministério da Justiça - BRASIL - AVISO DE ABERTURA DE LICITAÇÃO - Pregão Eletrônico nº 053/2011 - Objeto: Aquisição de combustível aeronáutico (QAV-1) para prover o abastecimento de 01 aeronave...

ANTT - BRASIL - COMUNICADO RELEVANTE Nº 07 - DE 6 DE DEZEMBRO DE 2011 - A Comissão de Outorga para a 3ª Etapa das Concessões de Rodovias Federais - Fase II, Trecho BR 101 - EBRSA, torna público que no dia 14 de dezembro de 2011...

Ministério do Meio Ambiente - BRASIL - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 41/2011 - Objeto: SRP para Contratação de empresa de engenharia especializada para, sob demanda, prestar serviços de manutenção predial...

ANTT - BRASIL - AVISO DE LICITAÇÃO - Pregão Eletrônico nº 52/2011 - Objeto: Contratação de empresa especializada para a prestação de serviços de Operação e Manutenção de Infraestrutura...

BRASIL - COORDENAÇÃO DE CONTRATAÇÃO PÚBLICA - AVISO DE LICITAÇÃO DO PREGÃO ELETRÔNICO SRP Nº 21/2011 - Objeto: Aquisição de materiais permanentes, todos classificados como bens comuns...

Ministério da Previdência Social - BRASIL - AVISO PREGÃO ELETRÔNICO - Pregão Eletrônico nº 31/2011 - Objeto se B. AVISO DE RETIFICAÇÃO PREGÃO ELETRÔNICO - LEI Nº 10.520/2002...

BRASIL - PREGÃO ELETRÔNICO PARA REGISTRO DE PREÇOS Nº 31/2011 - PROCESSO Nº 68860.024945/2011-94 - Objeto: Contratação de empresa especializada no fornecimento e instalação de parafusos para a Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC) em Brasília/DF...

Ministério de Minas e Energia - BRASIL - CENTRAIS ELÉTRICAS DE RONDÔNIA S/A - AVISO MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE Nº 001/2011 - A Eletrizas Distribuição Rondônia, empresa do sistema Eletrizas, convida interessados a manifestarem interesse em participar do processo seletivo para contratação do seguinte serviço de consultoria...

Ministério do Meio Ambiente - BRASIL - PREGÃO ELETRÔNICO Nº 36/2011 - Objeto: SRP para aquisição de material de consumo PNEUS para as viaturas oficiais das Unidades do ICMBR... PREGÃO ELETRÔNICO Nº 36/2011 - Objeto: SRP para aquisição de embarcações, carretas rodoviárias e motores de popa...

Brasil

Editores: Baptista Chagas de Almeida e Leonardo Cavalcanti
 brasil@globo.com.br
 3214-1104 / 1166 / 1293 - 3214-1155

Confere com o original
 15/08/16
 CEDOC-Correio Braziliense

8 • CORREIO BRAZILIENSE • Brasília, quinta-feira, 22 de dezembro de 2011

URBANISMO/ IBGE aponta que 11,4 milhões de brasileiros vivem em conjuntos habitacionais precários, onde falta infraestrutura básica, como o Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia. Com 56 mil habitantes, a comunidade só perde para a Rocinha

Capital da segunda maior favela do país

» RENATA MARIZ

Favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, rascas, mocambos ou palafitas. As denominações são tão numerosas quanto os moradores desses locais. Estes 11.425.644 brasileiros — quase cinco vezes a população do Distrito Federal — habitam essas áreas, chamadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de aglomerados subnormais. Dos 6.329 conjuntos habitacionais precários do país, 36 estão no Distrito Federal. Segundo os critérios adotados no levantamento divulgado ontem pela instituição, a capital federal tem a segunda maior favela do Brasil, a Área de Regularização de Interesse Social Sol Nascente, em Ceilândia. Com 56.483 pessoas, só perdendo para a Rocinha, no Rio de Janeiro. Todos os indicadores sociais nos assentamentos são inferiores às partes urbanas regulares dos respectivos municípios.



João de Moraes aponta a segurança como um dos problemas do Sol Nascente

Especialmente por Brasília se tratar de uma cidade nova, é preocupante ter 133 mil pessoas nesses conjuntos subnormais

Claudio Stenner, gerente de Regionalização do IBGE

Genes de Regularização do IBGE, Claudio Stenner explica que grandes conjuntos de favelas, como o Alemão, no Rio, por exemplo, não são considerados uma única localidade. "A gente não trabalha com a ideia de complexos. Nesses locais, para as subdivisões internas, levamos em conta aspectos sociais e históricos, além do que as próprias prefeituras definem como área de cada aglomerado", explica. No Alemão, além dos próprios moradores, o poder público reconhece as favelas separadamente. Cada uma tem, inclusive, sua associação de moradores. "Aglomerados contíguos, se considerados juntos, podem ser maiores que os localizados no DF. Mas, especialmente por se tratar de uma cidade nova, é preocupante ter 133 mil pessoas nesses conjuntos subnormais", diz. Faz 12 anos que Sueli Moreira da Costa mora na invasão apontada pelo IBGE como a segunda maior do país. Ela se mudou para a área conhecida como Sol Nascente com os seis filhos para sair do aluguel. "Nesse tempo todo, pouca coisa mudou. Chegou a água, mas luz, ainda não. O pior é a falta de esgoto e de coleta de lixo. A gente tem que colocar no muro da escola e esperar a caçamba passar", lamenta Sueli. Na área regular do DF enquanto 93,5% dos domicílios

apresentam proporções altas. No DF e no Entorno, considerando uma população total de 3,7 milhões, 3,7% estão morando em áreas irregulares.

Populismo

Para Frederico Flósculo, professor da Faculdade de Urbanismo da Universidade de Brasília, o DF nasceu "votacionado" para as ocupações irregulares, por atrair, desde o surgimento, pessoas humildes em busca de melhores condições de vida. Ainda a isso, destaca, há um incentivo dos governantes. "Assistimos, ao longo do tempo, os governos populistas estruturando a ocupação como forma de fazer currais eleitorais. Sem contar a existência de uma convivência com os grileiros, que fazem parte do jogo político da cidade", afirma o professor. Ele lembra que o Sol Nascente começou na década de 1990, com grilagem. "Agora aquela região virou um farostete", diz.

Segurança é o estamento o que preocupa João Macelino de Moraes, morador do local há quatro anos, depois de se desfazer de uma casa em Ceilândia, quando o casamento terminou. Com o dinheiro da partilha, ele conseguiu comprar uma moradia rebocada no Sol Nascente. Desde então, pejeja para fazer melhorias por conta própria. "Paguei um carroceiro para tapar esses buracos, mas já está tudo aberto de novo", diz, mostrando a rua onde mora. A política é outro problema. "A gente vai no posto, mas nunca tem viatura."

Sudeste lidera concentração

Comparações com 2000, quando foi realizado o último censo demográfico englobando aglomerados subnormais, são equivocadas, segundo Claudio Stenner. De acordo com o gerente de Regionalização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), metodologia e novos critérios usados no levantamento atual tornam a comparação inválida. Uma década atrás, o número de habitantes de favelas era de menos da metade dos atuais 11,4 milhões.

Hoje, o Sudeste lidera a concentração dos 6.329 conjuntos habitacionais mapeados, com 49,8% dessas áreas. Com exceção do Sul, todas as regiões têm pelo menos uma das 10 maiores favelas do país. Além de Rocinha (RJ)

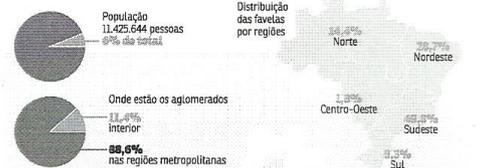
6.329

Favelas ou conjuntos habitacionais similares mapeados pelo IBGE no país

e Sol Nascente (DF), primeira e segunda mais populosas no Brasil, segundo o IBGE, estão Rio das Pedras (RJ), Coroadinho (MA), Baixadas da Estrada Nova Jurunas (PA), Casa Amarela (PE), Pirambó (CE), Paraisópolis (SP) e Cidade de Deus (AM). O Pará

Domicílios fora do padrão

Mais de 11 milhões de brasileiros moram nos chamados aglomerados subnormais, mapeados pelo IBGE. Confira os dados dessa parcela da população:



As 20 regiões metropolitanas que abrigam 88,6% das favelas do país

Entenda o que é um aglomerado subnormal	População em aglomerados subnormais	Porcentual da população em relação ao total
É qualquer conjunto de no mínimo 51 unidades habitacionais, que podem ser barracos, casas ou qualquer outro tipo de moradia sem regularização fundiária. Para ser considerado subnormal, o conjunto habitacional também deve ter precariedade de serviços básicos (como esgoto ou água encanada) ou de serviços urbanísticos. No que diz respeito à regularização, o IBGE considerou os aglomerados que tiveram alguma titulação há no máximo 10 anos, mas que se encaixavam nos outros critérios (mínimo de 51 moradias e serviços inadequados).		
Belém	1.131.268	53,9%
Salvador	931.662	28,1%
São Luís	325.139	24,5%
Recife	652.700	23,2%
Baixada Santista	257.191	17,9%
Manaus	315.415	15,4%
Rio de Janeiro	1.702.073	14,4%
Teresina	154.366	13,4%
Fortaleza	430.207	11,9%
São Paulo	2.162.368	11,1%
Grande Vitória	178.209	10,6%
Maceió	121.202	10,6%
Aracaju	82.208	9,8%
Belo Horizonte	489.281	9,1%
João Pessoa	301.888	8,5%
Porto Alegre	242.784	6,2%
Natal	80.744	6%
Campinas	160.570	5,8%
Curitiba	181.247	5,7%
DF e Entorno	137.072	3,7%

As cinco maiores favelas do Brasil, por população

1. Rocinha (RJ)	69.161 habitantes
2. Sol Nascente (DF)	56.483 habitantes
3. Rio das Pedras (RJ)	54.753 habitantes
4. Coroadinho (MA)	53.945 habitantes
5. Baixadas da Estrada Nova Jurunas (PA)	53.129 habitantes

Fonte: IBGE



Confere com o original
15/08/16
CEDOC-Correiio Braziliense

Cidades

+ política e economia no DF

DESPEDIDA
Centenas de pessoas acompanharam ontem o enterro da diretora da Biblioteca Democrática de Brasília, Maria da Conceição Moreira Salles, 65 anos.
PÁGINA 20



MERCADO DE TRABALHO
Mulheres como Kátia Oliveira (foto) têm mais dificuldade para conseguir emprego do que os homens no DF. Quando conseguem, ganham menos.
PÁGINA 32



DIREITO DO CONSUMIDOR
Cada vez mais a internet aparece como aliada para reclamações contra empresas. O casal Henrique e Marcela (foto) fez críticas ao serviço de um iBride em site.
PÁGINA 24

Brasília, segunda-feira, 9 de janeiro de 2012 • CORREIO BRAZILIENSE • 17

DESIGUALDADE

mapa das favelas

Estudo do IBGE revela que o Distrito Federal tem atualmente 36 loteamentos de baixa renda, onde a população não conta com serviços essenciais. Desafio do poder público é urbanizar essas regiões

HELENA MADER

Centenas de barracos se espalham em ruas sem asfalto e com esgoto a céu aberto. Muitas famílias dividem estes minúsculos, onde a falta de infraestrutura é praticamente uma regra. Sem escritura, é impossível conseguir financiamento para construir. Com isso, obras irregulares e sem alvará proliferam, colocando em risco a comunidade. Essa realidade é bem contada pelos moradores das 36 favelas do Distrito Federal. Além do Sol Nascente, em Ceilândia, que ganhou fama depois de ser apontado como a **segunda maior do Brasil**, outras regiões da capital federal sofreram com o processo de favelização e hoje têm comunidades carentes, sem prestação de serviços públicos. O desafio do governo agora é urbanizar essas áreas e criar uma política habitacional eficiente, para conter o surgimento de novos loteamentos irregulares e miseráveis.

Ranking

Das cinco maiores favelas do Brasil, duas ficam no Rio de Janeiro. A Rocinha, na capital carioca, é a maior delas, com 62,1 mil habitantes. Depois do Sol Nascente, em Ceilândia, aparece em terceiro lugar a favela do Rio das Pedras, também no Rio de Janeiro. Coroaínia, no Maranhão, e Balança da Estrada Nova Juruinas, no Pará, completam a lista.



Segundo um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em dados do Censo 2010, 133.556 brasilienses vivem em favelas, distribuídos em 36,5 mil domicílios. Em média, 3,7 pessoas dividem cada barraco. Ao contrário da média do Distrito Federal, a maioria dos moradores dessas regiões carentes é composta por mulheres. Elas respondem por 50,3% dos moradores.

Essas áreas são chamadas pelos técnicos do órgão de aglomerados subnormais. Para receber essa classificação, o local precisa ter, pelo menos, 51 unidades habitacionais carentes, sejam barracos ou casas, dispostas de forma desordenada e densa. Falham serviços públicos essenciais e as construções foram feitas em terrenos de propriedade alheia, sejam áreas públicas ou particulares.

Nas favelas, a urbanização é realizada sem nenhum padrão e, com isso, as ruas são estreitas e desalinhadas. Os terrenos têm tamanhos e formas diferentes, o que dificulta ainda mais a regularização fundiária. Dependendo da disposição dos lotes, esses aglomerados urbanos recebem diferentes classificações, como invasões, loteamentos irregulares e áreas invadidas.

O levantamento do IBGE mostra a deficiência dos serviços públicos nessas áreas favelizadas. Nas invasões de baixa renda da capital federal, menos da metade das comunidades tem fornecimento adequado de energia elétrica. No DF, apenas 45,3% das favelas têm iluminação assegurada pela Companhia Energética de Brasília (CEB) — um dos índices mais baixos do Brasil. Em São Paulo, por exemplo, 65,6% dos loteamentos irregulares carentes recebem esse serviço. Em Goiás, o índice é quase o dobro do Distrito Federal. Lá, 83% das favelas são iluminadas pelo governo, com recursos provenientes de impostos. Além dos 54,4% de domicílios com energia elétrica irregular ou providenciada pela própria comunidade, 0,3% dos barracos do DF não tem qualquer forma de iluminação.

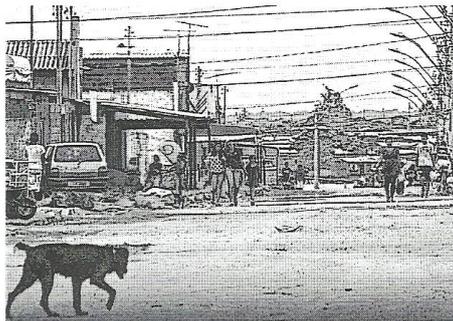
A Vila Rabelo, na região de So-

Eles asfaltaram as avenidas principais, mas a maioria das ruas continua com barro e esgoto. Além disso, falta segurança. Já entram na minha casa e levaram o pouco que tinha"

Gilda Vieira Rocha, diarista

bradinho, é uma das áreas classificadas como favelas pelo IBGE. A falta de infraestrutura é generalizada e as reclamações da comunidade são as mais variadas. A região tem 21,9 mil moradores, distribuídos em 5,8 mil casas e barracos. A precariedade é tão grande que há dezenas de famílias vivendo em encostas. Muitas foram retiradas pela Defesa Civil, mas já surgem novos barracos na beira do vale. Em época de chuva, o risco de deslizamentos é iminente.

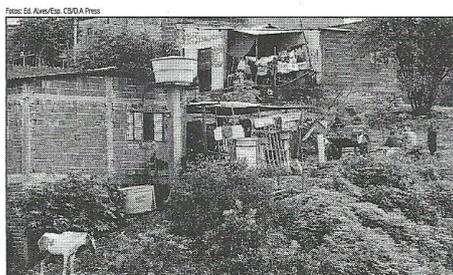
A falta de iluminação pública é uma das queixas na Vila Rabelo. A doméstica Keliá Marques, 33 anos, vive próximo ao local onde famílias foram removidas. "Conseguí ficar, mas os atuais moradores estão passando por muitas dificuldades. Falta transporte e as ruas estão completamente escuras. É um perigo andar por aqui à noite", revela Keliá, que vive com a filha Gabriela, 5 anos, e com a sobrinha Camille Vitória, 8



Radiografia

	Número de domicílios	Total de moradores	Homens	Mulheres	Média de moradores por domicílio
Bairro João Cândido	425	1.458	712	746	3,4
Bela Vista	495	1.789	869	920	3,6
Condomínio Atto da Bela Vista (Fercal I)	315	1.164	608	556	3,7
Condomínio Café Planalto	321	413	209	204	3,4
Condomínio Del Rey	177	630	314	316	3,6
Condomínio Fortaleza	50	169	88	81	3,4
Condomínio Mansões do Amanhecer (Asprodarmas 3)	87	302	156	146	3,5
Condomínio Morada Nobre (Asprodarmas 1)	111	410	204	206	3,7
Condomínio Portal do Sol	113	381	178	203	3,4
Condomínio Porto Rico	1.926	7.129	3.574	3.555	3,7
Condomínio Privê (Ceilândia)	1.859	6.658	3.245	3.413	3,6
Condomínio Quinta do Amanhecer (Asprodarmas 2)	268	1.014	456	558	3,9
Condomínio Residencial Sobradinho 2	547	2.647	979	1.668	3,7
Condomínio Residencial Sobradinho 3	141	521	242	279	3,7
Condomínio Vale do Sol (Asprodarmas 2)	177	612	314	298	3,5
Condomínio Versalhes	188	730	340	390	3,9
Condomínio Vila Verde	271	963	480	483	3,6
Condomínio Vila Vitória	122	454	222	232	3,7
Condomínio Vitória	452	1.587	792	805	3,5
Engenho Velho (Fercal I)	1.067	3.846	1.942	1.904	3,6
Expansão da Vila Nova	325	1.030	513	517	3,2
Expansão da Vila São José	585	2.300	1.142	1.248	3,1
Fercal	336	1.281	636	645	3,8
Invasão da Quadra 305	86	351	172	179	4,1
Morro Azul	98	420	204	216	4,3
Pôr do Sol	2.084	7.653	3.804	3.849	3,7
Queima Lençol	199	749	368	381	3,8
Rua do Mato (Fercal 2)	84	279	146	133	3,3
Sol Nascente	15.727	86.483	39.066	28.417	3,6
Viação	192	730	347	383	3,8
Vila Cauby	438	1.640	838	802	3,7
Vila de Boa	393	1.518	768	750	3,9
Vila dos Operários	136	479	239	240	3,5
Vila Estrutural	5.823	21.947	10.988	10.959	3,8
Vila Rabelo (Mansões Sobradinho)	454	1.726	831	895	3,8
Vila São José (Vicente Pires)	604	2.503	1.287	1.216	4,1

Foto de Amaro Jr. sobre foto de Iano Andrade/CE/DA Press - 20/12/11



Construídos de forma desordenada, as casas e os barracos não seguem um padrão: terrenos de tamanhos diversos

133.556

Total de brasilienses que vivem em favelas

Coleta de lixo

Nas favelas brasilienses, pouco mais da metade dos domicílios recebem regularmente o serviço de coleta de lixo: apenas 53,5% dos barracos são atendidos pelos caminhões do Serviço de Limpeza Urbana (SLU). Outros 22,5% retiram os detritos por meio de caçambas e 14% têm quem queimem os ou carregem para conta própria. Esse é considerado um grave problema de saúde pública, já que o acúmulo de lixo pode causar doenças.

Gravada de oito meses, a diarista Gilda Vieira Rocha, 28 anos, reclama do mau cheiro causado pelos detritos acumulados na Vila Rabelo. Ela mora na região há 10 anos e se queixa da lentidão do governo em fazer investimentos na comunidade local. "Touco mudado durante esse tempo. Eles asfaltaram as avenidas principais, mas a maioria das ruas continua com barro e esgoto. Além disso, falta segurança. Já entram na minha casa e levaram o pouco que tinha", reclama Gilda, mãe de três filhos e esposa de Maria Vitória, que deve chegar até o mês que vem.

De acordo com o levantamento do IBGE, a grande maioria dos barracos em favelas é atendida com água tratada pela Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal (Casabi). Nos aglomerados carentes, 94,5% dos domicílios têm esse serviço. Apenas 4,2% das casas em favelas são abastecidas por poços ou nascentes. Mas ainda há registros de locais onde os moradores bebem água da chuva armazenada em cisternas ou em que a comunidade de usa rios, açudes ou córregos como fontes de abastecimento.

Se a situação do fornecimento de água é confortável, o percentual de residências com sistema de esgotamento sanitário ainda é muito baixo. Apenas 15% dos barracos em favelas do Distrito Federal são ligados à rede de captação do governo. Os dados preocupam: 82% dos domicílios usam fossas sépticas, algumas ainda rudimentares. O IBGE localizou 71 barracos que não tinham banheiro e outros 414 que depositavam os dejetos orgânicos em valas, no rio ou em córregos.

O aposentado Zeferino Rodrigues de Oliveira, 70 anos, mora no Setor Pôr do Sol, em Ceilândia, considerada a terceira maior favela do Distrito Federal em número de casas e de moradores. Ela fica atrás apenas do Condomínio Sol Nascente e da Vila Estrutural. O idoso vive em uma rua sem asfalto e sofre constantemente com o esgoto que corre a céu aberto. "Perto daqui, algumas pessoas fizeram umas valas para canalizar a água da chuva. Mas aí começaram a desviar as fossas para essa manilha e tudo desemboca na minha rua. É uma catástrofe insuperável, além de ser um perigo para a transmissão de doenças", explicou o aposentado.

Confere com o original
15 / 08 / 16
CEDOC-Correio Braziliense

Cidades

+ política e economia no DF

Brasília, quarta-feira, 8 de maio de 2013 • CORREIO BRAZILIENSE • 21

URBANISMO / O crescimento desordenado faz do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia, o lar de 61 mil pessoas, segundo dados oficiais. Mas hoje podem ultrapassar 100 mil, o que deixaria a região como a mais populosa comunidade carente da América

DF a um passo de ter a maior favela latina

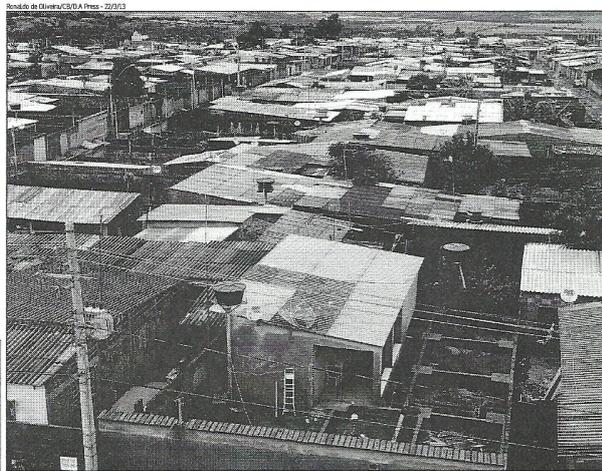
» SAULO ARAÚJO

A diarista Paula Alves Ferreira, 42 anos, aponta para o fim da rua esburacada, no Trecho I do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia. Mostra que a região ocupada por barracos e bitocos há 12 anos não passava de um enorme cerrado. No período, ela viu casas se multiplicarem. Com a chegada de tantos moradores, os problemas não demoraram a aparecer. As terras da chácara de Paula, antes férteis, pararam de dar frutas e verduras devido à contaminação do solo. O lugar, tranquilo, tornou-se palco de crimes de toda ordem. Em pouco mais de uma década, a zona rural escolhida pela trabalhadora para viver com a família se transformou na segunda maior favela da América Latina, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Só fica atrás da Rocinha, no Rio de Janeiro.

Três décadas atrás, os primeiros chacareiros chegaram à região. Em 1999, grileiros começaram a atuar no local, ainda no governo Cristóvam Buarque, mas a migração em massa teve início no terceiro mandato de Joaquim Roriz, em 2004. Com 61 mil moradores e crescimento populacional desordenado, o Sol Nascente caminha para ocupar o topo do ranking de maior comunidade pobre do país — incrustada em um morro à comunidade católica da Recânia praticamente não tem mais espaço físico para se expandir. Lidanças comunitárias garantem que, hoje, são pelo menos 100 mil pessoas na região do DF — o IDH não reconhece o número.

Mesmo considerando apenas os dados oficiais, o Sol Nascente tem mais gente do que em 17 regiões administrativas do Distrito Federal. Fica à frente de Sobradinho, do Recanto das Emas, do Itapoá e de Braziliândia, por exemplo. Situado a menos de 35 quilômetros do Palácio do Planalto, ainda abriga famílias em situação de extrema miséria. A favela brasiliense também concentra um elevado número de assaltos. Mais de 1% dos moradores não sabem ler nem escrever. Quase 30% só concluíram o ensino fundamental. Os dados estão num estudo encomendado pela Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano (Sedhab) para fins de regularização (leia ilustração na página 22).

Durante cinco dias, o Correio percorreu as vielas do local. O re-



Vista geral do Sol Nascente: após três décadas de ocupação irregular e da ação de grileiros, a antiga área rural sofre com a falta de infraestrutura

Explosão demográfica

Com uma população estimada em 70 mil habitantes, a Recânia é, oficialmente, a maior favela do Brasil. O Condomínio Sol Nascente tem 68 mil, de acordo com um estudo encomendado pela Secretaria de Habitação. No entanto, há quem defenda que a região conte com mais de 100 mil moradores em virtude do rápido crescimento das invasões, principalmente nos últimos quatro anos.



Paula Ferreira chegou ao local há 12 anos; na época, paisagem de cerrado

trato do parcelamento irregular, carente de praticamente todos os serviços e cravado no coração da maior e mais populosa cidade do DF coloca nos ombros do governo uma enorme responsabilidade. Sem centros de saúde, unidades próprias de segurança e trans-

porte de qualidade, o Sol Nascente parece seguir na contramão do progresso. Se juntarmos com o (Condomínio) Pot do Sol (também em Ceilândia), é, sem dúvida, a maior dor de cabeça para o governo em relação a questões fundiárias", admite o secretário

da Sedhab, Rafael Oliveira.

Mas apesar de os indicadores sociais colocarem o lugar como um dos mais pobres da capital, muita gente decidiu apostar nele. O empresário Aclézio Rodrigues, 30 anos, veio de São Paulo. Dono de lojas de material de constru-

Voluntários

Aclézio pegou carona no crescimento desordenado do Sol Nascente. Por todos os lados, existem construções à revelia do Estado. Pelo processo de regularização, novas edificações são proibidas, mas a fiscalização não consegue inibir a atuação dos grileiros. "O governo derruba uma casa e, no outro dia, duas estão em pé", diz o armador Salvador da Trindade, 33 anos. Há quatro meses, ele pagou

Editor: Marcelo Tokarski
marcelo@correioabraziliense.com.br
Tel.: 3214-1115/3214-1113/Fax: 3214-1185
Atendimento ao leitor: 3342-4000
cidades.af@abr.com.br

R\$ 35 mil por uma casa de seis cômodos no Trecho 2 do condomínio. No último 20 de março, uma forte chuva abalou a estrutura do imóvel. O risco de desabamento fez a Defesa Civil interditar a residência. Salvador passou a morar de favor. "Não assinei nenhum documento ao comprar. Foi tudo na boa-fé. Eu dei o dinheiro e troquei a minha família. Agora, perdi R\$ 35 mil e estou sem lugar para morar", lamentou.

Salvador fazia parte de um grupo de moradores do condomínio que vive sob risco. De acordo com a pesquisa encomendada pela Sedhab, 16% das famílias do Sol Nascente habitam terras propícias a enchentes. Uma inundação por pouco não causou uma tragédia no barraco da dona de casa Célia Santana, 38 anos. Também em 20 de março, uma forte correnteza invadiu os cômodos e cobriu a cama onde a mãe de 60 anos, estava deitada. "A minha mãe não anda mais. Tive de colocá-la às pressas em cima do beliche. É o preço que pagamos por morar em um lugar ilegal. Ou aceitamos a condição ou ficamos na rua", lamenta.

Com uma fragilizada infraestrutura e sem espaços públicos voltados para o bem-estar da comunidade, cabe aos moradores suprir a ausência do poder público. Muitos fazem trabalhos voluntários para deixar o lugar um pouco melhor. Paula, a personagem do início da reportagem, é um exemplo. Mãe de seis filhos, ela cansou de levar os meninos para jogar futebol no P Norte, a três quilômetros de casa. Caminhava pelo menos 40 minutos com os garotos. Sozinha, resolveu construir um campo. Retirou o lixo, fez um desvio para o esgoto correr e aterrou parte da rua. Com a ajuda de vizinhos, improvisou travessias com ferros descartados em entalhos. "Não tinha um pedaço de chão limpo para essa granada brincar. Tanto sempre manter bonito para eles. É tudo por amor à comunidade mesmo", comenta a diarista.

A situação deve melhorar um pouco com a injeção de R\$ 220 milhões no setor. O recurso do governo federal será usado na urbanização das ruas. O secretário Rafael Oliveira diz que uma das prioridades será a construção de redes de águas pluviais. "É o mais urgente a se fazer. Se não criamos estruturas para escoar a água da chuva, não adianta colocar asfalto, porque as correntezas destroem tudo", ressalta.

O governo derruba uma casa e, no outro dia, duas estão em pé"

Salvador da Trindade, 33 anos, armador

www.correioabraziliense.com.br

Assista a vídeos do Condomínio Sol Nascente no site.

» Valdinar Araújo, 33 anos



Criatividade e sucesso

O ditado popular diz que a propaganda é a alma do negócio. Valdinar Araújo, 33 anos, seguiu a risca e acabou bem. Seu negócio, apostou no improviso para ganhar clientes. Ele é dono de uma oficina de motos no Condomínio Sol Nascente. Para chamar a atenção de quem passa, Valdinar decidiu colocar a carcaça de uma motocicleta suspensa em uma base de metal. Na lateral do veículo, escreveu: "Bons". A estratégia fez sucesso. O ponto se tornou referência para quem quer consertar veículos de duas rodas. Antes, como empregado em uma oficina de Ceilândia, Valdinar ganhava um salário mínimo por mês. Hoje, a renda livre dele ultrapassa R\$ 4 mil. "É um bom lugar para investir. As pessoas querem consertar suas motos perto de casa. Sem contar que os buracos aqui ajudam muito", brinca o microempresário.

R\$ 220 MILHÕES

Recursos do governo federal destinados à urbanização das ruas do condomínio

» Leia mais na página 22

URBANISMO / Levantamento encomendado pela Sedhab detalha a precária infraestrutura no Condomínio Sol Nascente. Falta pavimentação, não há redes de esgoto e de águas pluviais e a maioria do abastecimento de energia elétrica é feita por gambiarras

Confere com o original
15/08/16
CEDOC-Correio Brasileiro

A radiografia da pobreza

» SAULO ARAÚJO

Montanhas de lixo pelas ruas, esgoto a céu aberto e gambiarras por todos os lados compõem o paisagem do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia. Sem serviços públicos eficientes, o dia a dia dos 61 mil habitantes se torna ainda mais difícil. A desorganização dos endereços dificulta a entrega de correspondências. Anualmente, os Correios só conseguem cobrir 13% dos domicílios, e 87% dos habitantes são obrigados a buscar as correspondências e as contas em associações de moradores.

O estudo encomendado pela Secretaria de Habitação, Regularização e Desenvolvimento Urbano (Sedhab) dá uma dimensão dos obstáculos na favela (veja gráficos). Os moradores responsabilizam o sistema de coleta pelo sujeira generalizada. O governo rebate e destaca a necessidade de a comunidade colaborar, não despejando resíduos em pontos inapropriados. O fato é que apenas 33% das casas contam com coleta regular e, mesmo assim, os caminhões do Serviço de Limpeza Urbano (SLU) não passam na porta. Ou seja, os moradores precisam percorrer alguns metros para garantir que o lixo seja levado.

A radiografia do Sol Nascente

também explica a concentração da pobreza. Mais da metade das famílias (52%) têm renda inferior a R\$ 500 por mês. Outro sinônimo de atraso é a quantidade de ligações clandestinas de energia elétrica. De acordo com o levantamento, 46% dos moradores do condomínio fazem "gatos" na rede para ter luz em casa. A falta de esgoto deixa 87% das residências com fossas sépticas.

O precário sistema de transporte público também contribui para o crescimento da atividade de mototáxi. Mesmo sem regulamentação dos órgãos de trânsito, o serviço é um dos mais populares da favela brasiliense. São pelo menos 15 veículos em circulação. Quem cansou de esperar por melhorias se vira como pode. É o caso do estudante Matheus Elias Barbosa, 11 anos, que vai para a escola montado em uma mula.

Em meio a tantos problemas, há quem use o próprio tempo para fazer o bem. A professora Rosimeire da Rocha Oliveira, 25 anos, dedica pelo menos cinco horas do dia para dar aulas de reforço de português a alunos carentes. Há dois anos, ela cumpre uma rotina religiosa de ensinar na sede da Associação dos Moradores do Sol Nascente. "Via muitas crianças da comunidade se envolvendo com a violência e quis contribuir para que elas tivessem um futuro melhor", afirma.



Iniciativa do bem na comunidade carente: a professora Rosimeire da Rocha Oliveira dedica parte do dia para ensinar português gratuitamente

Charles (E), 34 anos, e Marcos, 30



Matheus Elias Barbosa, 11 anos



Informal e popular

Um dos meios de transporte mais populares do Sol Nascente é o mototáxi. Muito comum em favelas cariocas, o serviço, mesmo irregular, caiu nas graças da comunidade. Em regiões esburacadas ou com alto risco de assaltos, os ônibus não passam e os usuários têm de andar até três quilômetros para chegar em casa. Os mototaxistas improvisaram um ponto embarco de uma árvore na entrada do condomínio para esperar os passageiros dos coletivos. São pelo menos 15 profissionais na atividade informal. O curioso é que a tabela de preços varia de acordo com o endereço do cliente. "Tem lugar que cobramos R\$ 3, porque a gente corre o risco de ser roubado. Em outros, o valor é de R\$ 2 por causa da distância. Em locais mais perto, o preço é R\$ 1", explica o mototaxista Charles Douglas dos Santos, 34 anos, colega de Marcos Veras Fiuza.

Na garupa da mula

Na favela onde apenas 10% dos moradores têm carro, a bicicleta seria a opção ideal para percorrer distâncias curtas. Mas critérios por todos os lados impedem um passeio seguro. A quantidade de roubos é outro fator que desestimula o uso do veículo sobre duas rodas. O estudante Matheus Elias Barbosa, 11 anos, desistiu de usar o "carnê" em virtude desses transtornos. Há três anos, a companheira inseparável dele é a mula Paloma. O garoto faz tudo com o animal, passeia, ir à padaria e até para o colégio. "Já fui até para Brasília", gaba-se. Ele conta já ter "perdido" uma bicicleta para marginais e agora, diz que o seu "meio de transporte" é mais difícil de levar. "Aqui, os ladrões mudam a massa bicicleta. Cuido o mais difícil de levar", diverte-se o menino. O animal é de de um primo. "Mas como só eu cuido dela, ele (o parente) já diz que eu sou o dono."

Por dentro da favela

Veja os principais dados sobre a realidade do Sol Nascente, a segunda maior favela do país

- Segurança**
O Sol Nascente conta com três postos comunitários de segurança.
- Educação**
Três escolas públicas estão instaladas na região.
- Saúde**
Não há postos de saúde nem hospitais.
- Asfalto**
Apenas 10km de ruas asfaltadas.
- Transporte**
Quatro linhas passam pela região, mas os ônibus não vão a alguns pontos por falta de condições de transitar com o veículo pelas ruas esburacadas ou porque os mototaxistas têm medo de serem assaltados.

61 mil moradores habitam **406** chácaras no Condomínio Sol Nascente. Elas foram distribuídas em três setores

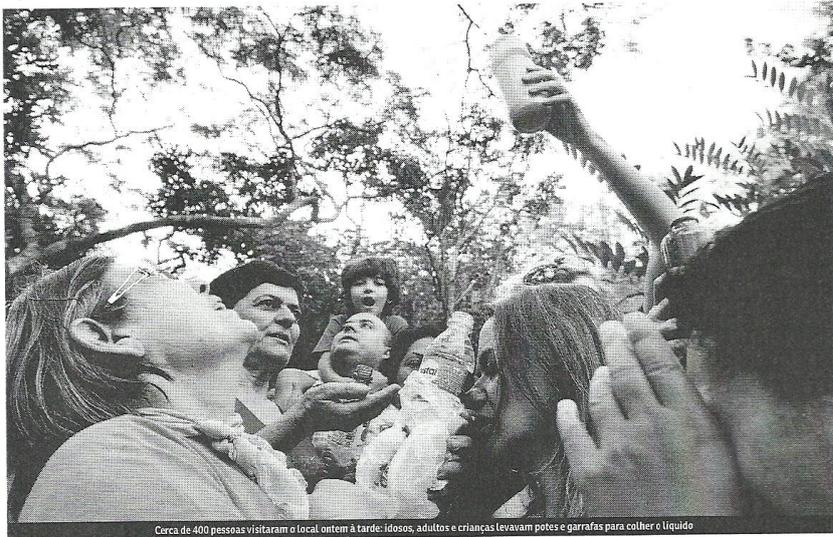
Sítio: Estudo encomendado pela Sedhab

<p>Pessoas que moram em lugares vulneráveis a enchentes</p> <p>74% não correm riscos 18% residem em locais propícios a enchentes 10% sem informação</p>	<p>Naturalidade dos moradores</p> <p>28% Distrito Federal 11% Piauí 10% Maranhão 10% Bahia 9% Goiás 7% Minas Gerais 7% Ceará 6% Paraíba 4% Rio Grande do Norte 2% Pernambuco 2% Tocantins 9% Outros</p>
<p>Abastecimento de água</p> <p>69% das casas são abastecidas pela Ceresb 17% usam água do vizinho 3% usam poço artesiano 11% não informaram</p>	<p>Religião do chefe de família</p> <p>46% católicos 22% evangélicos 23% não informaram 7% nenhuma</p>
<p>Abastecimento de luz</p> <p>46% fazem "gatos" 38% são abastecidos pela CEB 10% estão sem informação 6% sem qualquer tipo de energia</p>	<p>Religião do chefe de família</p> <p>46% católicos 22% evangélicos 23% não informaram 7% nenhuma</p>
<p>Tempo de residência no Distrito Federal</p> <p>44% estão há mais de 15 anos 20% desde que nasceram 17% entre 10 e 15 anos 12% entre cinco e 10 anos 3% entre três e cinco anos 3% sem informação 1% entre um e três anos</p>	<p>Padrão construtivo dos imóveis</p> <p>88% alvenaria 9% misto (madeira com alvenaria) 2% madeira 1% outro material</p>
<p>Grau de instrução do chefe de família</p> <p>27% só têm o ensino fundamental 25% o ensino médio 23% não informaram 15% só o primário 4% analfabeto 2% nível superior 4% outros</p>	<p>Uso do domicílio</p> <p>91% residencial 8% não informaram 1% misto (comercial e residencial)</p>
<p>Coleta de lixo</p> <p>33% regular, mas distante do domicílio 21% irregular 16% lixeiras coletivas (caçambas) 14% despejados em terrenos vazios 9% sem informação 5% regular 1% queimado 1% outros</p>	<p>Faixa de renda familiar</p> <p>33% até R\$ 1 mil 27% até R\$ 400 25% até R\$ 500 7% de R\$ 1 mil a R\$ 3 mil 3% não informaram 3% sem renda alguma 0% acima de R\$ 3 mil</p>
<p>Esgoto sanitário</p> <p>87% usam fossa 2% abastecido por rede concessionária 2% rede construída por moradores 9% não informaram</p>	<p>Esgoto sanitário</p> <p>87% usam fossa 2% abastecido por rede concessionária 2% rede construída por moradores 9% não informaram</p>

Confere com o original
15 / 08 / 16
CEDOC-Correio Braziliense

Na maior favela do DF, uma gruta atrai peregrinos desde que um padre da Igreja Ortodoxa teria visto Nossa Senhora Aparecida. A santa supostamente tocou um galho de árvore, que logo congelou e começou a pingar água milagrosa

Romaria por uma graça



Corca de 400 pessoas visitaram o local ontem à tarde; idosos, adultos e crianças levavam potes e garrafas para colher o líquido

» ADRIANA BERNARDES

Faz seis dias que a Chácara da Gruta, no Condomínio Sol Nascente, virou um centro de peregrinação de católicos. Centenas de pessoas se espalham em uma escadaria estreita. Debaixo da copa de uma árvore retorcida com filiais, elas ficam ali para rezar e esperar até que uma gota de água de um galho — supostamente congelado após a aparição de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil — caia sobre eles. O fenômeno — que também pode ser da natureza — teve início por volta das 12h30, da última sexta-feira, quando padre da Igreja Ortodoxa Ribamar Rodrigues Dias, de 45 anos, da Comunidade da Vida Apostólica Nossa Senhora de Aparecida e Santa Catarina — conhecida como Chácara da Gruta — deu as readaptações para fazer as orações. Ele estava acompanhado de cinco pessoas, entre elas o diácono Rayarderson Galeno, de 27 anos. Segundo ele, padre Ribamar pediu e afirmou ter sentido a presença de Nossa Senhora. "Ele disse que ela estava sobre a copa das árvores, estendeu as duas mãos em forma de bênção e falou que deixaria um sinal de sua vinda para os fiéis. Nesse momento, uma nuvem que estava sob os pés dela se abriu e o diácono ouviu o leve ruído do galho da árvore, que congelou na hora", relata o diácono. O religioso diz ter visto o congelamento do galho como em uma cena de cinema. Desde então, grânhas de água

caem da árvore. "Nossa Senhora deixou a seguinte mensagem: quem buscasse aquela água seria curado de doenças físicas e espirituais. A notícia se espalhou, e as pessoas não param de chegar. Quanto mais gente e quanto mais orações fazem, mais as gotas caem", afirma. É tanta gente para ver o suposto milagre que a comunidade religiosa faz vigília para receber as pessoas e organizar a visitação. Na madrugada de sábado para domingo, a fila foi até as 3h30 da manhã. Ontem, as visitas começaram às 6h e não tinham hora para acabar. Entre as 12h e as 17, 405 pessoas tinham assinado o livro de visitas. Durante toda a tarde, idosos, homens, mulheres e crianças esperavam a vez de parar embaixo do galho supostamente congelado. Era possível ver reações de todos os tipos. Alguns se diziam emocionados, rezavam de olhos fechados e com as mãos para os altos na tentativa de pegar a gotinha de água. Outros, com câmeras fotográficas e filmadoras, registravam a cena, com curiosidade. Garrafas plásticas, potes de sorvete e copos descartáveis eram usados para colher o líquido. Para parte das pessoas, apenas sentir a água molhar a pele era o suficiente.

Crenga

O vendedor Alessandro de Souza Abreu, de 38 anos, levou uma vasilha de plástico grande, na segunda visita. "Quando ouvi a história, fiquei incrédulo

e vim ver. Olhei, olhei e não vi nada que pudesse ser ameaça. Senti um bem-estar, um arrepiado. Estou convencido de que não é uma farsa", acredita. A intenção dele era dividir o líquido em porções menores e levar para pessoas enfermas que não puderam ir à gruta. "Vim pedir pela minha filha. Ela nasceu com os dedos das mãos grudados, fez cirurgia, mas eles ainda estão tortos. Com a bênção e a graça de Nossa Senhora, os dedinhos dela vão ficar retinhos", creu o morador do Condomínio Sol Nascente, em Ceilândia. Entre os peregrinos, a bancária Alessandra Carpaneiro Juliano, de 42 anos, rezou em voz alta ao lado da filha, da mãe e de duas amigas. "Faz dois anos e nove meses que espero por um milagre.

Minha filha sofre de dermatossite autoimune. Hoje, quando soube da aparição de Nossa Senhora, foi um chamado, uma ordem", disse a moradora de Águas Claras. Com um terço nas mãos, a dona de casa Joaquina Moreira de Jesus orava pela família. No caso de Erené de Oliveira Bastos, de 43 anos, a aflição era o irmão de um genro, envolvido com drogas, e o "coração duro" de um dos filhos dela. "Já vim aqui hoje umas três vezes", relata. Na última terça-feira, por volta das 18h15, Nossa Senhora teria deixado nova mensagem por meio de padre Ribamar. "Queridos filhos, rezem, rezem e rezem. Resolvi vir hoje aqui para trazer-vos a paz, a paz do meu filho Jesus. Rezem em

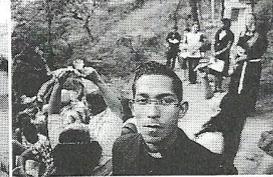
suas casas. Obrigada por estarem aqui hoje", teria dito a santa. O texto era lido de tempos em tempos pelos milagrosos. As ruas que levam à Chácara da Gruta são de terra, não têm calçada e há lixo e entulho espalhado. Quem mora na redondeza acompanha o vaivém de carros de todos os tipos. Na tarde de ontem, havia até veículo com placa diplomática no local. A casa do aposentado Manoel José da Rocha, de 70 anos, fica ao lado. Entusiasmado com o movimento, ele foi ao local, voltou duas vezes e pediu a cura para o problema cardíaco e o de uma hernia. "Olha, não sou crenteiro não. Aqui na Terra, somos muito pequenos para des-sacreditar dessas coisas", conclui.

Edison Rodrigues/CBDA/Press



Padre Ribamar (E), que teria visto Nossa Senhora, e a testemunha Rayarderson Galeno, para quem a cena do gelo parecia de cinema

Daniel Ferreira/CBDA/Press



Efeito do casulo de insetos

» GABRIELA FURQUIM
» RODRIGO ANTONELLI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Apesar da comção entre os religiosos, especialista em borboletas assegurou haver explicação para a água que pinga do galho da árvore. A estrutura branca na verdade é um casulo feito por insetos para servir de ninho para os filhotes. "Aquilo

não é gelo de jeito nenhum. Nessa época da seca, é normal os insetos adultos sugarem a seiva da árvore para formar um espécie de casulo a fim de proteger os filhotes. O excesso dessa seiva, então, é eliminado, causando os respingos", explicou a professora do Instituto de Ciências Biológicas da Universidade de Brasília Denise Vilela de Rezende.

A bióloga alerta ainda sobre os riscos do líquido para a população. "Como a seiva da árvore sugada é tóxica, é perigoso passar esse líquido no corpo. Pode fazer mal à saúde, dando reação alérgica", avisou. Ainda segundo Denise, é possível que, hoje ou amanhã, o efeito parecido com gelo desapareça, e isso não é milagre. "As larvas (filhotes de inseto) terão crescido e não haverá mais casulo, portanto, não haverá excesso de

seiva respingando do galho", esclareceu. A assessoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (Novacap), informou que, se o proprietário do terreno autorizar, uma equipe da empresa pode ir ao local recolher uma amostra do material para análise laboratorial.

Na Paróquia de São Jorge e Santo Expedito, onde o padre ortodoxo Ribamar celebra missa, não se falava em outra coisa na noite de ontem. Antes do início das orações, os fiéis compartilhavam fotos da árvore com o galho supostamente congelado. A princípio, ele resistiu em dar entrevista, mas acabou falando. "Foi um milagre, é uma transformação da minha presença e da minha igreja. É um sinal da existência de Deus", resumiu.

Na aparição, Nossa Senhora teria dito que o fenômeno duraria sete dias.

Daniel Ferreira/CBDA/Press



A seiva da sucupira é tóxica, alerta bióloga Denise Rezende

Portanto, os religiosos acreditam que hoje e até as primeiras horas de amanhã, o gelo vá desaparecer. Mulher de um dos padres — a comunidade é da Igreja Síria Ortodoxa de Antioquia, em que o celibato não é exigido — Fabiane Sousa Santos, de 32 anos, não tem dúvidas. "O céu estava limpo, não tinha uma nuvem sequer e, de repente, foi como se tivesse chovendo sobre nós. Padre Ribamar disse que era Nossa Senhora nos abençoando. Na hora, pensei no meu pai, morto há mais de um ano. Só pensei e o padre falou: Nossa Senhora disse que o seu pai está com Ela no céu. Foi muito emocionada", relata. A comerciante Sônia Batista frequenta a igreja há cinco anos e também esteve na gruta. "Foi muito importante para renovar a minha fé", disse.

Confere com o original
15/08/16
CEDOC-Correio Braziliense

DERRUBADA / O governo precisa de intervenção policial para vencer barricadas, rojões e ônibus incendiados e garantir a demolição de casas localizadas em Área de Preservação Permanente (APA). Quatro são presos por desacato e pela detonação de material explosivo



A ação de ontem concluiu a primeira etapa da reintegração de posse na região localizada em Ceilândia, com a derrubada de 79 casas de alvenaria. Houve detenções e veículos de transporte coletivo destruídos pelo fogo

Resistência no Sol Nascente

» THIAGO SOARES

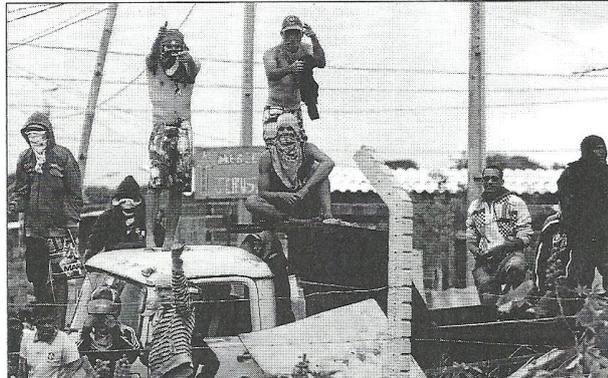
O segundo dia de desocupação de duas áreas do Têxtil 1 do Sul Nascente em Ceilândia, ficou marcado pela resistência dos invasores. Nas primeiras horas de ontem, barricadas feitas com pneus, galhos e móveis foram formadas para impedir a ação de derrubada promovida pela Agência de Fiscalização do Distrito Federal (Agfis). Apesar disso, a primeira etapa da reintegração de posse foi concluída. Das mais de 400 construções irregulares localizadas em uma Área de Preservação Permanente (APP), 79 casas de alvenaria acabaram demolidas. A polícia prendeu quatro pessoas por desacato e explosão de artefatos.

Apesar disso, a primeira etapa da reintegração de posse foi concluída. Das mais de 400 construções irregulares localizadas em uma Área de Preservação Permanente (APP), 79 casas de alvenaria acabaram demolidas. A polícia prendeu quatro pessoas por desacato e explosão de artefatos.

A tensão maior ocorreu na entrada da área 2, conhecida como Nova Jerusalém, onde ficam as demais construções irregulares do Sol Nascente. Os manifestantes destruíram outro coletivo, desta vez, da Viação Marchal. No início da tarde, formaram uma barricada com um caminhão carregado de pedras. Além disso, usaram estilingas e atiraram rojões e granadas molotov em direção à PM. O Batalhão de Operações Policiais Especiais (Bope) agiu, e o protesto recuou.

Apesar de toda a movimentação dos ocupantes, essa localidade ainda não será alvo de demolições. "Percebemos que vamos precisar de muito cuidado para agir na região. Todas as operações demandam um preparo e uma logística sólidas. É uma área destinada para equipamentos públicos", explicou a superintendente de Operações da Agfis, Patrícia Melasso.

No geral, a invasão tomou forma no Sol Nascente em pouco mais de seis meses — com o condomínio Pir do Sol, a localidade se tornou a maior favela da América Latina, com 78,9 mil habitantes. O levantamento da Agfis constatou que 363 famílias moravam irregularmente na APP. Ali, está prevista a construção de uma bacia para o sistema de drenagem pluvial como parte das obras do projeto de regularização do setor. O investimento será de R\$41,5 milhões.



Mascarados da área conhecida como Nova Jerusalém usaram um caminhão para impedir a ação: localidade será alvo da próxima operação

363	R\$ 41,5 MILHÕES	700
<small>Total de famílias que habitavam casas erguidas em uma APP no Sol Nascente</small>	<small>Total de investimentos do governo para a construção de uma bacia de drenagem pluvial no Sol Nascente</small>	<small>Total de servidores, entre policiais, auditores fiscais, trabalhadores braçais, operadores de pá mecânica e motoristas de caminhão, envolvidos na operação</small>

Rollenberg parabeniza capitã da PM



Na tarde de ontem, a comandante da 2ª Companhia do 17º BPM, capitã Talita Oliveira, que participou da ação de desocupação da invasão no Sol Nascente, em Ceilândia, foi recebida no Burti pelo governador Rodrigo Rollemberg. Ele parabenizou a oficial por sua atuação pacífica na operação de derrubada. Talita foi reconhecida pelo abraço de conforto que deu em uma moradora que teve a casa derrubada na primeira investida da Agfis no Sol Nascente. "Participei das negociações com os moradores e pedi de forma pacífica para que eles desocupassem as suas casas. Todos somos seres humanos e sabemos o quanto é difícil ver pessoas nessa situação, sendo obrigadas a deixar o lugar onde vivem", afirmou Talita. Rollemberg reforçou a importância da polícia civil e agradeceu que a atuação da PM sirva de exemplo. (Nathália Cardini)

Grileiros

Muitas famílias que ocupam a região se dizem vítimas de grileiros. O pedreiro José Adenir Barbosa, 42 anos, ergueu uma casa de quatro cômodos há cinco meses. Ele vivia no imóvel com a mulher, Ednalza dos Santos, 44, e com os filhos, Henrique e Ana Maria, 5 e 9 anos, respectivamente. Sentados na porta de onde até ontem era uma residência, a família ainda não sabia o que fazer com os móveis. "Começamos o lote por R\$ 35 mil. Além disso, gastei R\$ 10 mil para fazer a obra. Era toda a economia de uma vida, que agora foi jogada pela rua", lamentou. "Estamos contando com a solidariedade de um amigo para dormir em um barracão, numa injustiça o que está fazendo. Tinham de prender quem vendeu a terra para a gente", completou Ednalza.

A desempregada Maria Pereira Batista, 28 anos, também adquiriu um lote de um grileiro, no valor de R\$ 35 mil. Ela mora há mais de três meses. Assim como José Adenir, não recebeu a escritura. "Eu não tenho como pagar aluguel. Esta ação está sendo um covardia. Se era irregular, não deveriam ter permitido que as primeiras construções fossem iniciadas. Estou lutando apenas por um pedaço de terra", afirmou. Para ela, a solução seria regularizar a localidade. "Não são apenas tijolos que estão indo para o chão, são sonhos que estão sendo destruídos". A Agfis informou que a Polícia Civil investiga a atuação de grileiros da região, assim como em todo o Distrito Federal.

A primeira fase da reintegração de posse foi concluída com a derrubada de 54 casas de alvenaria. No total, entre quarta-feira e ontem, 78 construções foram removidas. Durante a operação, o governo usou 105 caminhões para transportar entulho e o mobiliário dos ocupantes. De acordo com a Agfis, de todas as famílias retiradas até o momento, duas optaram por ficar em abrigos do GDF. As demais seguiram para casas de parentes ou conhecidos. Uma mulher passou mal e recebeu atendimento de uma equipe do Serviço Móvel de Urgência (Samu). Até finalizarem toda a operação, fiscais da agência e PMs vão monitorar a área com o intuito de evitar novas invasões. A Agfis ainda não divulgou quando será a segunda etapa da reintegração.

Colaborou Camilla Costa

GOLPE

Preso por enganar idosos no Lago Norte

Investigadores da Polícia Civil do DF prenderam um acusado de aplicar golpes contra idosos no Distrito Federal. Edrisio Guedes Júnior, 41 anos, foi detido quando tomava café da manhã na casa de uma das vítimas, no Lago Norte. Pelo menos outros dois moradores da região sofre-

ram a fraude que envolvia seguros de vida. O suspeito responde a 18 inquéritos por estelionato, seis por tentativa de estelionato, dois por furto qualificado e um por formação de quadrilha.

Um professor aposentado da rede pública, de 80 anos, é um dos mais prejudicados pelo golpe. Ele

conheceu Edrisio há dois anos. Segundo relatou a polícia, o suspeito apresentou-se como sendo ligado à Secretaria de Educação. Disse que poderia reduzir os descontos na folha de pagamento e renovar o seguro de vida. A partir daí, passou a receber visitas de Edrisio. A cada ida, o acusado cobrava valores de supostas taxas do seguro.

Em 19 de janeiro, o suspeito levou a vítima para conversar com outro envolvido, ainda procurado. A promessa era de que o aposentado receberia R\$ 500 mil, com o salário de fevereiro. Para isso, deveria pagar taxas de seguros em

atraso, com cheques em nome de Edrisio — o pagamento chegou a R\$ 106 mil. "Parentes do idoso desconfiaram da quantidade de dinheiro movimentada na conta", disse o delegado adjunto da 9ª DP (Lago Norte), Ricardo Viana. "Ele (Edrisio) forneceu os próprios dados. Após identificá-lo, constatamos que havia um mandado de prisão em aberto contra ele."

Como o suspeito havia combinado de voltar à casa do aposentado, os policiais aguardaram o encontro. Na manhã de quarta-feira, cumpriram o mandado. "Além da fraude, ele cria intimi-

dade com as vítimas. Frequenta a casa, faz visitas", detalhou Ricardo. Com a divulgação do caso, mais vítimas podem surgir.

A unidade do Lago Norte apurou outro crime na região. Em julho do ano passado, uma arquiteta atendeu a porta da residência onde vive com a mãe. De 90 anos, professora aposentada da rede pública, Era Edrisio, que se apresentou como corretor e disse ser da Secretaria de Educação. Ele explicou que a idosa precisava pagar uma taxa para renovar o seguro de vida. A família entregou três cheques, no total de R\$ 7 mil.

"Ele chegava com todos os dados da pessoa, informações privilegiadas. Ambas as vítimas são professoras da rede pública e tinham seguro prestes a vencer. A investigação caminha para saber como e onde os dados eram obtidos. O Poder Judiciário tem fundação educacional ou de algum órgão próximo", avaliou o delegado do Lago Norte. "Sabemos de uma terceira vítima que, por constrangimento, não quis registrar nem fazer o reconhecimento". Além do Lago Norte, Edrisio tem ocorrências no Gama, no Guará, no Cruzeiro e em Taguatinga. O primeiro caso é de 1993.